

O QUE RESISTE AO IMPACTO DA PASSAGEM DO TEMPO?

Meditações de Pigi Banna e Testemunho de Jesús Carrascosa
durante o Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca

Rimini, 18-20 de abril de 2019

Mensagem de saudação, de Julián Carrón

18 de abril de 2019

Caros amigos,

quem de nós não experimentou momentos em que lhe parecia tocar o céu com um dedo? Tão felizes, tão plenos estávamos. São momentos únicos, exaltantes, que desejaríamos que ficassem para sempre, porque «nos parecia ter encontrado a chave / secreta do mundo» (F. Guccini, *Farewell*).

Mas quantas vezes, logo a seguir, parece que «tudo fica em ruínas», como diz uma música de Gaber (*L'illogica allegria*).

É a partir dessa experiência elementar – que todos fazemos – que surge, urgente, a pergunta que temos sob os nossos olhos nestes dias: «O que é que resiste ao impacto do tempo?».

Não podemos responder a essa pergunta com nossas opiniões, com nossas reações instintivas. Elas, com efeito, não conseguem oferecer uma resposta à altura da urgência que todos sentimos dentro de nós.

Só um acontecimento, só uma experiência vivida pode ser capaz de responder de forma adequada. Encontrá-la não é um problema de inteligência ou de esforço, mas de atenção. É o que nos lembra Dom Giussani: «A verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção» (*O senso religioso*, p. 59).

Mas como conseguir identificá-la, como não errar em reconhecê-la?

«Eis – escreve Kierkegaard em seu *Diário* – o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos daquela».

Já lhes aconteceu uma coisa do gênero?

Só quem a identifica em sua própria experiência é que terá a resposta à pergunta que lhes foi feita para estes dias e que é “a” pergunta da vida.

Haverá aventura mais fascinante do que encontrar “a” resposta?

Boa aventura!

E boa Páscoa!

O vosso amigo

Julián

Meditações de Pigi Banna

1. Amou-os até o fim (Jo 13,1)

QUEM É AMIGO?

O que resiste ao impacto da passagem do tempo? O tempo apaga tudo?

É uma pergunta que não deixa em paz, aterrorizante e dilacerante, porque lembra as muitas experiências de fracasso de que a vida não nos poupa. É o fracasso do sentimento, quando o entusiasmo se desfaz depressa, deixando-nos nas mãos da decepção. «Nada dura, nada dura» – canta Vasco.¹

Mas há um fracasso que torna essa pergunta ainda mais lancinante: é o fracasso das relações mais queridas, quando os amigos, até mesmo os pais às vezes, nos traem. Mas então quem é o verdadeiro amigo que não trai? Quem é o amigo que resiste ao impacto da passagem do tempo?

Diante da decepção e da traição, ficaríamos tentados a responder que nada resiste ao impacto da passagem do tempo. Insinua-se a ideia de que toda a luz que nos iluminou tenha sido só o engano de um buraco negro em que tudo acaba. De que adiantam, então, os oásis felizes, as tocas em que de vez em quando procuramos abrigo, vestindo uma máscara, ainda que só por uma noite, se no fim tudo termina no nada? De que adianta preocupar-se em ser alguém aos olhos dos outros? Como um de vocês escreveu: «Os adultos chamam de “crescimento”, mas eu chamo de “tortura”». Essa tentação – para usar uma palavra precisa – chama-se niilismo, que significa afirmar que em última instância tudo é nada, como Montale descreve em sua poesia Talvez uma manhã: «O nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado».²

O niilismo é uma opção sempre à espreita, mas quão razoável é dizer que tudo é nada? No fundo, é uma via de escape confortável, uma solução fácil quando não conseguimos ficar diante da traição e da decepção. Então preferimos fugir, mas fugir de quê, no fundo?

De nós mesmos. Fugimos do desejo de que alguma novidade ainda possa acontecer, que possa acontecer algo que nos faça renascer mais do que quando a nossa mãe nos fez nascer, algo do qual já não possamos voltar atrás, algo mais forte do que o fracasso, do que o sentimento, mais forte do que a morte.

Nós estamos juntos porque não queremos fugir de tudo assustados, cheios de medo do nada. Somos amigos para defender do nada o desejo mais verdadeiro, de que nos aconteça algo que finalmente resista ao impacto da passagem do tempo.

Testemunho

Infelizmente, há meses trago em mim um grande peso.

Uma noite descobri que minha mãe estava tendo um relacionamento com outro homem.

Essa descoberta me devastou; e tudo foi amplificado pelo fato de que meu pai não queria mais saber disso.

Tentei resistir a essa dor, mas pouco tempo depois comecei a sentir suas pontadas e deixei que

¹ V. Rossi, “Dannate nuvole”, do livreto com os textos utilizados durante o Tríduo de GS, p. 6; encontrado em formato PDF no site de CL. Doravante *Livreto do Tríduo*.

² E. Montale, “Forse un mattino”. In: *Livreto do Tríduo*, p. 5.

tudo me sufocasse, e senti como muito apropriados os versos: «E como é estranho fazer mal a si mesmo enquanto o tempo apaga o que você é» (*Caccia militare*, Rovere, 2017).

Enfim, na semana passada, depois de anos de brigas com meus pais para ir ao Tríduo, meu pai me disse: «Me parece que seja só uma coisa muito maçante, mas, se você acha que é importante para você, pode ir». Naquele momento, pulei instintivamente para abraçá-lo. Foi fantástico ouvir essas palavras vindas dele.

Venho ao Tríduo perguntando-me: «Como é possível ficar diante dessa situação?» e «Como não deixar que o tempo apague tudo?».

O CORAÇÃO ESTÁ DESPERTO, DESPERTO!

O niilismo escolhe renegar e evitar algo que resiste dentro de nós. Por mais que possamos tentar convencer-nos de que nada resiste ao impacto da passagem do tempo, nunca conseguimos anular totalmente o desejo de uma mudança, de uma inversão de rota. Como Lady Gaga canta em sua música *Shallow*: «Você está feliz neste mundo moderno? Ou precisa de mais? Há algo que esteja procurando? [...] Em todos os momentos bons eu fico desejando uma mudança, e nos momentos ruins eu tenho medo de mim mesmo. Diga-me uma coisa, garoto, você não está cansado de tentar preencher esse vazio?».³

Há algo em nós que, mesmo se às vezes é desconfortável, se rebela contra a hipótese de que tudo é nada. Uma garota escreveu: «Mas, se as coisas não resistem ao impacto da passagem do tempo, por que eu fico tão mal? Por que eu sempre sofro com o pensamento de que as amizades acabam? Porém, apesar dessa raiva, não posso abrir mão de ver que “algo” em mim grita continuamente». Esse “algo” é o coração: a exigência de felicidade, de verdade, de justiça. Apesar de todas as decepções, reaparece, nunca se resigna totalmente, resiste ao impacto da passagem do tempo. O poeta Machado descreve assim: «Dormiu-se meu coração? / Apiários de meus sonhos, / já não lavrais? / [...] Não, meu coração não dorme. / Está desperto, desperto».⁴

O nosso coração tem uma natureza mais infinita do que o nada para o qual gostaríamos de fugir. Por isso, no fundo de toda decepção, ficamos esperando uma mudança: que o amor volte, o amor verdadeiro, que a vida renasça, que ocorra algo à altura do nosso coração.

Testemunho

Numa noite particularmente difícil por vários motivos, fiquei sozinho, depois de ter brigado com alguns amigos e tendo um milhão de coisas para estudar. Liguei a música na tentativa de me distrair e não pensar em nada. Mas o incômodo não ia embora, e tudo parecia dizer-me que não valia a pena, que a vida é banal e monótona.

A certa altura, acendeu-se um ímpeto em mim, uma rebelião interna. Olhei para o relógio com o tempo que passava e me disse: «Caramba, eu estou aqui!». Não é verdade que tudo passa em vão.

Mergulhei a fundo no estudo, minha exigência de sentido se misturou com a dos autores e ficou ainda maior.

Pensei no rosto dos meus amigos, mesmo daqueles com quem tinha brigado, em todas as dificuldades. A vida estava ali na minha frente – tal como eu era –, me estava sendo dada naquele momento.

Eu me dei conta de que existo sem ter feito nada para merecê-lo e de que precisava procurar algo que resistisse de verdade ao impacto da passagem do tempo. Eu me senti querido e não mais

³ L. Gaga; B. Cooper, “Shallow”. In: *Ibidem*, pp. 7-8.

⁴ A. Machado, “Mi corazón se ha dormido”. In: *Ibidem*, p. 7.

sozinho.

UMA NOVIDADE RADICAL

O que está à altura do coração? Quando as nossas tentativas de juntar os cacos do que se corrompeu ao longo do tempo se mostram frágeis e limitadas, o que é que pode bastar à necessidade tão grande de uma mudança que dure no tempo?

«Um imprevisto / é a única esperança»:⁵ um imprevisto, uma novidade radical que não seja um produto das nossas mãos, dos nossos pensamentos. É preciso que aconteça algo tão novo, que marque para sempre o nosso coração, mais do que uma tatuagem na pele.

Sören Kierkegaard fixa o critério com que podemos reconhecer essa novidade radical quando acontece: «Eis o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos desta».⁶ Já nos aconteceu algo semelhante?

Quando essa novidade acontece, nós a reconhecemos porque reabre o nosso coração para a esperança, como escreve um jovem poeta: «Hábeis mãos / Que tiram do matagal / Um coração / Que definhava, esquecido».⁷ Só essa novidade radical é que está à altura do nosso coração: uma preferência diante da qual não precisamos nos esconder e finalmente podemos ser nós mesmos, na qual o que é negativo em nós se torna positivo. Essa preferência é como se dissesse: «És muito precioso para mim»,⁸ você, não outra pessoa; você, agora, tal como é, não quando mudar ou quando for diferente. Que diferença em relação à maneira com que normalmente concebemos o amar e o querer-se bem, reduzidos a uma posse, a um desfrute mútuo, para depois nos deixarmos.

Essa preferência é infinita, não se detém diante do nosso fracasso e da nossa traição: diante da traição, ama ainda, mais, até o fim, até dar a vida por você. Como Jesus fez com seus amigos: vendo os limites e as traições deles, «amou-os até o fim»,⁹ ou seja, até dar a vida por eles.

Para além dos nossos preconceitos e das opiniões comuns, o cristianismo é originalmente o anúncio dessa preferência infinita, o acontecimento dessa novidade radical além dos nossos pensamentos, como escreveu Dom Giussani: «Uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta, não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso, e está aqui. [...] O cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que [...] garante uma mudança inimaginável, inimaginável».¹⁰

Diante da novidade radical dessa preferência que nos alcança, não é preciso já sermos crentes, não é preciso recuarmos por não o sermos.

Testemunho

Desde sempre eu brigo, por qualquer coisa. Cresci numa família desastrosa e amadureci antes do tempo. E mesmo se não aparento, por dentro sou um desastre.

É como se dentro de mim houvesse um buraco negro, pronto para levar embora tudo o que tenho dentro de mim. Sempre estive acostumada a usar uma máscara, a não mostrar o que me acontecia.

Nunca consegui falar com ninguém sobre essa escuridão que tenho dentro de mim, mas queria que

⁵ E Montale, “Antes da viagem”. In: *Ibidem*, p. 8.

⁶ S. Kierkegaard, *Diário*. In: *Ibidem*, pp. 8-9.

⁷ L. Bernardi, “Giacinto”. In: *Ibidem*, p. 9.

⁸ Is 43,4.

⁹ Cf. Jo 13,13.

¹⁰ L. Giussani, *Vivo é algo presente!*. In: *Ibidem*, p. 9.

alguém pudesse e quisesse me entender; e encontrei isso em GS: encontrei amigos que estão dispostos a me escutar e ficar perto de mim. Graças a GS estou descobrindo a mim mesma, verdadeira, sem máscaras. Não adianta nada esconder-se atrás de uma máscara para esconder você mesma. Eu sempre fiz isso para esconder o quanto as coisas me reduzem a pedaços, mas finalmente entendi que eu também sou feita disso.

2. Sem mim, nada podeis fazer (Jo 15,5)

ALGO «QUE NÃO TEM VOLTA»

Qual é a natureza da novidade radical dessa preferência de que falamos, que mesmo que se passasse um ano e você já não conseguisse vê-la, você não conseguiria tirá-la dos olhos, não conseguiria esquecer-se dela? É algo que poderíamos descrever com as palavras de outra música da Lady Gaga: «Quando o sol se puser e a banda parar de tocar, eu sempre me lembrarei de nós assim. Quando você olhar para mim e o mundo todo desaparecer, eu sempre me lembrarei de nós assim».¹¹

Aconteceu algo parecido conosco? Todos vivemos experiências lindas, entusiasmantes, emocionantes que, porém, terminam, estão confinadas a um instante, «como uma onda do mar que, depois de ter tocado a praia, se retira e tudo volta a ser como antes».¹² Mas será que há alguma experiência da qual já não voltamos atrás, a ponto de você descrever sua vida como cortada em dois, *antes* desse momento e *depois* desse momento? Ou tudo está à mercê das emoções?

Normalmente, resumindo ao máximo, o que nos acontece pode ser descrito assim: nós chegamos de uma experiência A (a solidão, a confusão, a decepção), depois nos acontece B, algo que nos envolve (uma novidade radical: sentimo-nos preferidos, tratados como reis), mas depois de um tempo, com o passar do tempo, parece que aquele B nunca existiu e voltamos para A como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse a força de resistir ao impacto da passagem do tempo.

Porém, se olharmos com atenção para a nossa experiência, percebemos que aquilo que no começo nos marcou em B e o tornou um momento especial, não é tanto uma emoção, mas um fato. É um fato que provocou uma emoção, algo fora de nós move algo dentro de nós. Sempre foi o encontro com alguém, uma pessoa ou uma comunidade, em que tivemos o pressentimento de algo finalmente novo, diferente, a ponto de dizermos: «Ali há algo verdadeiro», porque fomos preferidos, fomos colocados no centro, falava-se de nós, falava-se a nós.

Esse encontro, fora dos nossos pensamentos, acende um fogo dentro de nós, desperta a esperança de uma mudança. O que desperta essa impressão não são só determinadas palavras ou determinados gestos, que podem não permanecer totalmente claros, mas é principalmente a esperança que os gestos e as palavras daquelas pessoas acendem em nós, a ponto de nos fazer dizer: «Acho que encontrei!». Mas será que isso é suficiente para resistir ao impacto da passagem do tempo?

Testemunho

Sempre fui muito seletiva na escolha da companhia (como diz minha mãe, «implacavelmente seletiva»), sempre fui antipática, para mim sempre foi suficiente estar tranquila no meu canto. Não que eu estivesse feliz nessa condição, mas, em vez de me misturar com os meninos da minha idade de que eu não gostava, por causa de seus hábitos (álcool e festas movimentadas demais), sempre preferi seguir a minha predisposição inicial à misantropia.

Entre os garotos de GS, porém, nota-se uma atmosfera diferente: já nas férias de inverno (que foi a ocasião em que encontrei toda a comunidade da minha província) eu tinha notado isso. Não se observa só um forte vínculo de amizade entre esses garotos, mas também uma abertura incomum

¹¹ L. Gaga, “Always remember us this way”. In: *Ibidem*, p. 25.

¹² J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, p. 18. Disponível em:

<<https://portugues.clonline.org/publica%C3%A7%C3%B5es/outros-textos/exercicios-fraternidade/o-que-resiste-ao-impacto-da-passagem-do-tempo-2019>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

em relação a pessoas que não conhecem (inclusive eu); uma atenção que nunca recebi de outros. A comparação entre o meu comportamento com quem encontro e o deles foi inevitável, na minha cabeça. Uma disponibilidade e uma abertura assim, eu não consigo nem sonhar, e estimo enormemente quem consegue acolher o próximo de maneira tão natural.

«ALGO QUE CONTÉM ALGO»

A primeira impressão de algo novo não basta para resistir ao impacto da passagem do tempo, mesmo que nós, como que para retê-la, arrisquemos algumas definições: «É a verdade», «É Deus». É a mesma coisa que acontece com quem ousou dizer pela primeira vez «Eu te amo» à pessoa amada: não adianta repetir palavras-chave ou fórmulas mágicas para reter para sempre a verdade do que aconteceu.

Uma definição não basta, porque depois do grande entusiasmo do início, depois do pressentimento da verdade, a emoção decai e a companhia encontrada mostra seus limites, pois é feita de pessoas frágeis e limitadas. A comunidade maravilhosa que nos tinha acolhido pode agora parecer como um clube exclusivo e sufocante.

É um momento dramático, porque antes de renegar tudo e dizer: «Nada disso foi verdade», tratando o fato que nos aconteceu «como se fosse uma coisa qualquer dentre as que sucedem na vida, que prometem muito e depois decepcionam porque acabam»,¹³ teríamos que entender o que nos marcou naquelas pessoas.

Mas é justamente o baque com os limites do sentimento e da companhia o que pode fazer com que nos demos conta de que o que nos conquistou desde o início não foram eles ou uma capacidade deles, porque eles são frágeis e limitados; mas é algo dentro deles, mas independente deles, maior do que o limite deles: é algo além deles, algo “mais”.

Esse “mais” é excepcional, ou seja, corresponde às expectativas do coração; não foi um produto das capacidades nossas ou deles, mas apareceu «como um “clarão na neblina”, mas este aparecimento fugaz nos deixa igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, “algo que contém algo”».¹⁴

Como mostra a imagem do Cartaz¹⁵ deste ano: o que nos corresponde não é aquela mão para a qual os discípulos estão estendidos, mas descobrir quem está por trás dela, para descobrirmos o que realmente nos aconteceu, quem encontramos através daquelas pessoas.

Por isso nos convém descobrir o que é esse “algo dentro de algo”, esse “mais” que consegue resistir ao impacto da passagem do tempo, quando o entusiasmo diminui e a companhia nos decepciona. Quem foi que encontramos através dessas pessoas?

Testemunho

Eu sei que o que esse Movimento me deu foi algo essencial para a minha vida. Mas o que acontece quando a companhia que você sempre teve do seu lado te sufoca? O que acontece se os rostos que sempre te acompanharam agora te sufocam a ponto de te fazer sentir deslocado, um estranho?

QUEM É VOCÊ?

«Quem é você, que me marcou com esses rostos?». É esse o vértice do coração do homem, que não para diante do fracasso dos sentimentos e dos limites das pessoas encontradas.

¹³ J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, op. cit., p. 22.

¹⁴ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 167.

¹⁵ *Cristo e os apóstolos. Detalhes dos afrescos com cenas da Vida de Cristo*. Igreja de Santa Margarida (~séc. XIII), Laggio di Cadore (Belluno, Itália).

Somos provocados a «reconhecer a natureza do encontro que nos aconteceu, da presença que nos investiu».¹⁶ O que é esse «algo dentro de algo»? Quem é você, que se esconde entre nós, atrás de nós?

É uma pergunta que nos deixa à espera, porque se aproxima do Mistério, e qualquer tentativa de resposta parece redutiva. É uma pergunta que nos enche de silêncio, porque o silêncio é a espera pela resposta de um outro que não sou eu, espera de que se mostre, de que mostre seu rosto, de que diga seu nome. Como quando a pessoa declara seu próprio amor: a espera pela resposta da pessoa amada é cheia de silêncio, e todas as nossas tentativas de imaginar a resposta não nos dão a satisfação que dá ouvir dizer: «Sim, eu também te amo».

A resposta a essa pergunta não vem da leitura de um texto, que seria uma coisa só para intelectuais; como escreve Julien Green: «Eu quero vê-lo, quero tocá-lo... Quero estar perto d'Ele, entende? Como se fica perto de uma pessoa viva. E quero vê-lo».¹⁷

Não basta nem mesmo repetir como um mantra palavras e orações que outros dizem, ou participar passivamente de gestos religiosos, tentando capturar a resposta, como se tenta pegar uma borboleta com uma redinha. Mesmo alguns cristãos podem viver a participação na comunidade cristã e a oração de modo supersticioso, procurando a mágica da emoção, esperando capturar o favor do Mistério. Todas essas são tentativas humanas de entender, expressão do senso religioso de quem busca ver a Deus e dar por si só uma resposta às próprias perguntas.

Mas isso ainda não é “a” resposta, não é a revelação de uma presença que se impõe e responde à nossa grande pergunta: «Quem é você?». É ainda a nossa tentativa, que, como dissemos, não perdura no tempo.

Os amigos, principalmente os mais velhos, são amigos se ajudarem a nos fixarmos nessa posição de espera diante do Mistério, sem a ansiedade de cobrir essa grande pergunta com respostas que depois decepcionam, porque normalmente nós somos impacientes e temos pressa em darmos nós mesmos a resposta, em vez de esperar recebê-la.

O que é necessário, então? Que, da margem do grande desconhecido, o Mistério venha responder à nossa pergunta: «Quem é você?», venha surpreender-nos para nos fazer renascer.

Testemunho

Quem é você? É você, mas dentro de você há um fogo maior do que você.

Podemos dizer que essa “presença” que vem ao nosso encontro através de pessoas muito frágeis dura no tempo?

Mas como faço para ter certeza dessa presença?

Como posso reconhecer essa presença?

Quem me diz que é Ele mesmo e não alienígenas que nos manipulam do alto?

O que quer dizer ver Cristo nas pessoas?

Comecei a intuir que Jesus está presente agora, mas imploro que me ajudem a entender Quem é.

Quem é que junta tudo isso?

NÃO VOS DEIXAREI ÓRFÃOS (JO 14,18)

A única coisa que resiste ao tempo é uma Presença, que vem para amar a mim e a você agora, para além de todos os limites meus e dos outros. É uma Presença viva, que não nos deixa órfãos, nunca nos deixa sozinhos; uma Presença que em circunstâncias sempre novas volta sempre a nos reconquistar, tanto hoje

¹⁶ J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, op. cit., p. 28.

¹⁷ J. Green, “Moira”. In: *Livreto do Tríduo*, pp. 28-29.

como ontem, hoje mais do que ontem, sem perder nada do passado.

É isto o que resiste ao impacto da passagem do tempo: uma Presença que é sempre contemporânea a você, pois Seu olhar te “persegue” de maneira nova e imprevista, através de rostos e lugares sempre diferentes, mas com o mesmo tom, com fidelidade, bem ali onde você é mais fraco.

Com o tempo você descobre que esse mesmo olhar, esse mesmo tom, não só é fiel a toda a sua vida, mas há dois mil anos é fiel a toda a história. Através de amigos sempre novos, é essa Presença que faz você chorar assim como fez Pedro chorar amargamente; arranca você do nada da sua distração assim como foi encontrar o ladrão Zaqueu em casa; perdoa os seus pecados e propõe um recomeço assim como fez com a mulher pega em adultério flagrante que estava para ser apedrejada.

A experiência da fidelidade dessa Presença faz nascer uma pergunta cada vez maior: «Quem é você, que resiste ao impacto da passagem do tempo, que há dois mil anos atravessa a história, atravessa a minha história e chega a mim, é contemporâneo a mim?».

Os amigos a quem fiz essa pergunta me responderam como tinha sido respondido a eles, como há dois mil anos continua sendo respondido:¹⁸ «Veja que não sou eu, é Cristo entre nós».

Eu jamais teria imaginado essa resposta, não era esse o Cristo que eu imaginava para mim; eu podia pensar num bom homem do passado com cabelos longos e uma longa veste branca, morto e sepultado. Só que Cristo assume a sua cara, a minha cara: eu jamais o teria imaginado assim.

Essa resposta não é um sentimento, não é uma dedução lógica – como a de quem diz: «Eu chego a dizer “Cristo”» –, mas é a resposta que outra pessoa me deu. Eu adiro razoavelmente a essa resposta, porque reconheço que nele há algo que não é ele, «porque há um fator aqui dentro, um fator que decide por essa companhia, decide por certos resultados dessa companhia, por certas ressonâncias nessa companhia, um fator tão surpreendente que se eu não afirmo essa outra coisa não dou razão da experiência».¹⁹

A fé é reconhecer essa Presença, não é uma imaginação, um sentimento, um raciocínio, mas é reconhecer uma Presença da qual você me diz o nome; uma Presença que está na origem de uma experiência que continua a me desconcertar, que está resistindo à passagem do tempo, que vem me retomar.

A fé é reconhecer uma Presença que está além do limite da minha razão, porque não vejo Cristo como vejo você, a não ser em casos extraordinários de visões místicas. Não O vejo, no entanto não posso deixar de reconhecer que é verdadeiro e razoável aderir ao que você me propõe para dar razão do que vivo com você.

Basta ser simples: eu não vejo Cristo, vejo você e seus limites, mas o que me interessa de você é esse fogo que está em você e que vai para além de você. Você me diz que é Cristo; então, por causa desse fogo que vejo e que não sei explicar, eu confio em você, fico do seu lado porque O reconheço presente em você.

Testemunho

Nasci na África e há quase três anos moro na Itália. Eu tinha muita vontade de vir, principalmente porque conheceria meu pai, mas quando cheguei me senti terrivelmente sozinho e confuso.

Dois anos atrás, porém, uma senhora que chamo de “vó” me levou ao Meeting de Rimini e me apresentou alguns meninos de GS. Eu não falava italiano, mas fiquei feliz com eles.

Infelizmente, meu pai não me deixou procurá-los de novo, mas eu não os esqueci e no ano

¹⁸ Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*. In: *Livreto do Tríduo*, pp. 26-27: «Aqueles dois, João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, disseram-no às suas mulheres [...]. E os amigos disseram-no a outros amigos, e depois a outros amigos, e depois ainda a outros amigos. [...] E estes a outros depois deles, como um grande fluxo que aumentava, como um grande rio que se alargava, e chegaram a dizê-lo à minha mãe – a minha mãe –. E minha mãe disse-o a mim, que era pequeno, e eu digo: “Mestre, eu também não entendo o que dizes, mas se formos para longe de ti, para onde iremos? Só tu tens palavras que correspondem ao coração”».

¹⁹ L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 226.

seguinte voltei ao Meeting, onde sabia que os encontraria de novo. E aconteceu!
Agora estou com eles e também participei das férias de inverno. Eram as minhas primeiras férias; voltei para a casa da “vó” e lhe disse que tinha sido tratado como um rei, porque foi assim mesmo. Com a Escola de Comunidade entendo o que estou vivendo agora e também muitas coisas que vivi na África e não sabia julgar.
Acho que o que dura no tempo é a minha necessidade de não estar sozinho e a possibilidade de encontrá-los novamente.

A VOSSA TRISTEZA SE TRANSFORMARÁ EM ALEGRIA (JO 16,20)

Todo homem é chamado a reconhecer essa Presença, a tomar posição sobre a natureza da preferência que experimentou. Como escrevia Kierkegaard, não há problema mais sério na história do que o “ter que”: «Essa mensagem que é o cristianismo não pode significar senão o “ter que” imperioso de concluir acerca de Cristo».²⁰ Quem é Jesus? Uma ilusão das massas, um charlatão, um grande mago que salvou muitos mas não salvou a si mesmo, uma invenção dos padres, ou a identidade dessa preferência que nos alcançou?

Vendo a fragilidade dos nossos sentimentos, que desaparecem no vazio, vendo a pequenez das pessoas que encontramos, vendo a derrota do homem Jesus na cruz, cada um de nós é chamado a dar sua resposta. Não adianta repetir acriticamente a resposta de outros, do colega, do responsável ou dos pais.

Estamos numa época em que tudo parece tão frágil e líquido, que não sabemos o que fazer de «um pequeno cristianismo de acomodamentos e de decepções em que nos confundiremos com os nossos próprios expedientes».²¹ Se fosse algo que se esgotasse com GS e com a emoção de alguns momentos, então seria melhor não se iludir. Mas o cristianismo não é um oásis feliz num mundo desesperado.

O cristianismo é a mão – a presença contemporânea – de Alguém entre nós que, mesmo se todos fossem embora, jamais vai te abandonar.

Hoje chegamos a um ponto em que só podemos ser cristãos porque reconhecemos que Cristo está presente, vence a história, permite «qualquer escuridão, qualquer dúvida, qualquer medo, qualquer insegurança»²² e permite aproveitar a vida; ao ponto de que podemos estar em qualquer lugar, podemos ir a um país onde não conhecemos ninguém, podemos começar uma nova faculdade, à luz do reconhecimento dessa Presença que jamais vai nos abandonar: com Ele até a tristeza se torna uma ocasião de alegria. Como diz o abade a Miguel Mañara: «Por que temes perder aquela que te soube encontrar?».²³

«E vós, quem dizeis que eu sou?» (Mc 8,29). Cristo aguarda nossa resposta de homens livres e pode aguardar a vida toda, para que você reconheça o que Ele fez por você. Esta é a forma de amar de Deus, de quem resiste à passagem do tempo: espera mesmo que por trinta anos, mesmo que por toda a vida. Espera mesmo quando você O renega, cospe no Seu rosto, O insulta, O blasfema. Ele espera, espera sua liberdade, a ponto de deixar-se crucificar por essa liberdade, pois quer ser amado livremente, por homens livres e não por escravos.²⁴

Este é o amor verdadeiro, um amor que não te prende a si com a força, mas espera incansavelmente a sua liberdade, como o imagina Tagore numa poesia sua: «Por todos os meios / procuram ter-me preso / os que

²⁰ S. Kierkegaard, “O desespero humano (pp. 311-446). In: Idem, *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano* (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 441. Apud L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 49.

²¹ E. Mounier, *Lettere e diari*, in *Libretto testi Triduo*, p. 32.

²² J. Carrón, *O que resiste ao impacto da passagem do tempo?*, op. cit., p. 34.

²³ O. V. Milosz, *Miguel Mañara: Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber Editora, 2018.

²⁴ «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente» (C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”). In: Idem, *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343).

me amam neste mundo. / Mas tal não se dá com o teu amor, / que é maior que o deles, / pois tu me deixas livre. / Com medo de que eu os esqueça, / nunca se atrevem a me deixar sozinho. / No entanto, passam-se dias e dias / e tu não apareces. / Mesmo que eu não te invoque em minhas preces, / mesmo que eu não te leve em meu coração, / teu amor por mim espera / assim mesmo o meu amor».²⁵ Quanta diferença em relação aos relacionamentos que medem sempre o grau de posse mútua, sempre com a pretensão de um desempenho! Mas Cristo espera, e assim, diante d'Ele, qualquer homem pode tomar uma posição livremente.

Eis o que resiste ao impacto da passagem do tempo: a presença de Cristo que continua esperando incansavelmente o reconhecimento do nosso coração, da nossa irreduzível necessidade que nunca poderemos arrancar de nós. «Cristo mendicante do coração do homem, e o coração do homem mendicante de Cristo.»²⁶

Testemunho

No ano que vem, eu e minha família vamos nos mudar para fora por causa do trabalho do meu pai. Essa circunstância fez com que, para mim, se tornasse cada vez mais urgente a pergunta: «O que resiste apesar do tempo e da distância?».

O lugar para onde vou não tem GS. A coisa mais simples a fazer seria encerrar o capítulo da minha vida aqui e recomeçar do zero, deixando que tudo o que encontrei e vi fique como uma lembrança meio melancólica, saudosa.

Mas estou percebendo cada vez mais, já nestes dias em que ainda estou na Itália, que, se tudo acabasse por causa da distância, então não teria sentido seguir GS hoje. Seria uma enganação.

Desejo uma amizade que seja sempre assim, não só em determinadas circunstâncias. Ultimamente meus amigos de GS têm estado longe – quer fisicamente, quer mentalmente –, e o que a cotidianidade coloca na minha frente são os meus colegas da escola.

Aconteceu que, contando sobre a mudança a um desses colegas com quem eu nunca tinha falado de verdade, ele ficou muito marcado. A partir disso, começamos a falar de muitas coisas, e, depois de semanas difíceis, foi o primeiro momento de sinceridade comigo mesma.

Mas isso aconteceu porque não é só entre nós que se pode viver assim, estar juntos assim. Se é possível viver olhando-os com essa ternura sempre, então até me mudar para um país estrangeiro, entre desconhecidos que falam outra língua, pode ser bom.

Também nisto pode estar o que vi na história dos meus pais, com GS, com meus amigos. E assim a realidade, pouco a pouco, se torna uma coisa 100% maravilhosa.

²⁵ R. Tagore, “Por todos os meios procuram”. In: Idem, *O Gitanja'li*. 5. ed. Tradução de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1950, p. 37.

²⁶ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p. VII.

3. Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé (1Cor 15,14)

DE ONDE RECOMEÇAR? A CONTEMPORANEIDADE DE UMA PRESENÇA

Certas manhãs, assim que levantamos da cama, podemos já estar invadidos pela negatividade, como se nada do que nos aconteceu nos tivesse marcado, nos tivesse mudado, porque a distração e a tristeza voltaram. Será que o encontro que fizemos pode tornar-se história, pode tornar-se “a” história que marca a vida e ser a alvorada de um novo dia? Ou será que está fadado a ficar à sombra das nossas emoções, dos nossos raciocínios, que quanto mais repetimos menos nos convencem?

Como não reduzir o que vivemos a uma experiência entre as outras? Senão Nietzsche tem razão quando afirma que Deus está morto, porque ficou naquele sepulcro de dois mil anos atrás, como no sepulcro das emoções de alguns lugares e de alguns gestos especiais: «Que são estas Igrejas agora senão tumbas e sepulcros de Deus?».²⁷

Nietzsche também fazia outra afirmação: «Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar»,²⁸ ou seja, num Deus que possa atravessar o tempo e o espaço e venha me retomar – como reza o hino das *Laudes* do domingo: «Retorne ao nosso caminho, / inflame-nos sua palavra».²⁹

Um Deus que saiba dançar, um Mistério que saiba surpreender-nos onde estamos, no meio da neblina, que nos tire da nossa tristeza, da nossa confusão, do nosso mal e nos desperte, só pode ser alguém ressuscitado, alguém que não ficou fechado no sepulcro, mas que escancara a história, atravessa o tempo e o marca, trazendo o eterno para dentro do tempo.

Esse é o anúncio da ressurreição: há um fato que continua acontecendo independentemente de nós, por iniciativa d’Ele, há dois mil anos; poderíamos abandoná-Lo, mas Ele nunca nos abandonará.

Se Cristo ressuscitou, a nossa pergunta muda. Não tento manter vivos os pensamentos e as emoções, como se tentasse reanimar um cadáver. Como escreve Heschel: «Uma injeção de boas maneiras ou de regras de conduta não resolve o problema».³⁰ Se Cristo ressuscitou, é Ele quem nos surpreenderá quando estivermos para afogar na nossa tristeza. Como fez com os discípulos de Emaús: encontra-os na estrada da decepção deles e lhes diz: «Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!».³¹ E o coração deles voltou a arder.³² A experiência dos primeiros tornou-se história só porque Ele ressuscitou: foi Ele quem voltou e os pôs de pé novamente. Não somos nós que reanimamos o cadáver dos nossos sentimentos, estes já morreram; Cristo, pelo contrário, é que ressuscitou: aquele que julgavam morto aparece vivo diante de nós: é Ele que dança, corre, nos surpreende nas nossas estradas.

Se um homem, ao menos uma vez na vida, reconheceu que a presença de Cristo tocou seu coração, então pode ficar tranquilo: Ele virá para reconquistá-lo, é Ele quem demonstrará se ressuscitou ou se continua fechado num sepulcro. O desafio cabe a Deus, não à capacidade humana. Não fizemos nada para merecer o encontro que fizemos, e assim será Ele quem demonstrará que é mais forte do que os nossos limites.

A VITÓRIA QUE VENDEU O MUNDO: A NOSSA FÉ (1JO 5,4)

Um Deus que sabe dançar ao longo da história é mais interessante do que o sepulcro das nossas emoções:

²⁷ F. Nietzsche, *A gaia ciência*. São Paulo: Rideel, 2005. §125.

²⁸ Idem, *Assim falava Zarathustra*. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

²⁹ “Hino”, *Laudes de domingo*. In: *O livro das horas*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2016, p. 19.

³⁰ A. J. Heschel, *Grandezza e audacia dello spirito*. In: *Livreto do Tríduo*, p. 70.

³¹ Lc 24,25.

³² «Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?» (Lc 24,32).

este é o verdadeiro cêntuplo. Enquanto nós temos uma imagem psicológica do cêntuplo, como se fosse uma melhora do que já desejamos, como se tivéssemos um Fiat Palio e desejássemos um Fiat Uno: a mesma coisa, só um pouco maior, um pouco mais bonita. Só que o cêntuplo é Deus estacionando na garagem de casa uma Ferrari: é uma outra ordem de ideias. Nunca vamos mudar como imaginamos, porque o cêntuplo é sempre diferente, sempre maior do que conseguimos imaginar.

O verdadeiro cêntuplo, de fato, é a fé, é reconhecer a Presença que atravessa o tempo, que é fiel, que nunca te abandona e te muda. É a fé que nos vence e vence o mundo, não as nossas tentativas, como escreveu Dom Giussani no Cartaz deste ano: «Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certeza, sou rico. [...] Só na companhia d'Ele é que a pessoa ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem carrega essa mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros».³³ É só por causa dessa Presença que você começa a mudar, a se amar e a amar, isto é, a experimentar o cêntuplo.

Existe um jeito muito simples com que Cristo escolheu permanecer na história. Os cristãos não creem que para permanecer na história Cristo tenha feito um livro cair do céu, pois senão só os intelectuais o entenderiam; tampouco ensinou magias especiais, pois senão só os magos teriam o seu poder. Ele fez uma coisa muito simples: a Igreja, gente com quem se pode conviver, com quem se pode passar o tempo, com quem se pode estudar à tarde, com quem é possível se encontrar uma vez por semana para fazer um encontro ou um gesto de caridade juntos.

Há dois mil anos Cristo resiste ao impacto da passagem do tempo, combate e mendiga a nossa liberdade. Por isso, para que nada vá parar no sepulcro das emoções e dos raciocínios, basta sermos fiéis, fiéis àquele pequeno sinal, àquela mão com que Ele nos alcançou e nos convidou a conhecê-Lo. Por trás daquela mão está Alguém: alguns rostos podem passar, mas a Presença dentro desses rostos não. Basta sermos fiéis ao sinal que Cristo escolheu para estar sempre conosco, até o fim dos tempos.³⁴

³³ Comunhão e Libertação, Cartaz de Páscoa 2019.

³⁴ Cf. Mt 28,20.

Testemunho de Jesús Carrascosa*

In the early in the morning

Barco negro

Favola

Alberto Bonfanti. Boa tarde a todos! Nesta manhã desejamos propor-lhes o testemunho de um homem – cujo nome é todo um programa: Jesús – que com oitenta anos tem tamanho entusiasmo pelo ideal, tamanho gosto de viver em todos os seus aspectos, tamanha simplicidade em reconhecer quem é seu amigo, que pode indicar-nos um caminho para descobrirmos, cada um de nós, a resposta à pergunta que fizemos: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?». Como foi que você identificou na sua experiência aquela verdade última de que Carrón fala na mensagem que nos mandou? O que é um outro jeito de dizer: como foi que você encontrou o Movimento? O que permitiu esse encontro na sua vida?

Jesús Carrascosa. A primeira coisa que queria dizer-lhes é que estou sinceramente, mas muito sinceramente, emocionado por estar aqui, por uma razão precisa: se hoje estou aqui com vocês, é porque no ano de 1954, numa escola de Milão, Dom Giussani deu vida a uma história com um grupo de jovens como vocês – exatamente como vocês! –, que o seguiram, uma história que chegou até a mim, na Espanha. Foram jovens como vocês quem começou esta história. Vendo um grupo de colegas, poderíamos pensar: «São só meninos, algo pouco significativo para a vida». Mas para Dom Giussani tudo começou ali, com meninos que entenderam o significado de um esqueminha que ele tinha desenhado na lousa: uma seta horizontal com setinhas que apontavam para o alto na direção de um X, sem conseguir alcançá-lo, e uma seta que descia daquele X e ia até a linha horizontal. Aquele X – explicou-lhes Giussani – é o Mistério, o significado de tudo, e todo homem que é homem, realmente homem, tem dentro de si a pergunta sobre o enigma da vida. Quem não tem essa pergunta não é homem, é um alienado, vive fora de si, porque não descobriu o horizonte da vida. Por isso estou muito agradecido por este convite que me fez entender a importância que cada um de vocês tem para mim. Giussani começou tudo com aquele grupinho de estudantes de GS e, com aqueles jovens, uma vez formados, começou a experiência do CLU, os universitários de CL. O Movimento, este Movimento hoje presente em noventa países, nasceu daqueles rapazes, que perseveraram na amizade com Dom Giussani. Portanto, como não sentir emoção e gratidão estando diante de vocês neste momento? Eu, que encontrei o que resiste à passagem do tempo, sou grato e tenho uma esperança imensa ao olhar para vocês, porque esta história vai continuar graças a jovens como vocês, que crescem, e que crescem dentro do ideal.

Lendo as suas contribuições, fiquei muito marcado com aqueles de vocês que contaram sobre dificuldades e problemas por causa dos pais em crise ou separados, e isso desperta uma grande insegurança. Lembrei-me de mim, porque eu tive uma família com uma mãe realmente excepcional e um pai catastrófico, alcoólatra, do qual eu tive uma vergonha imensa (mas foi muito útil: de fato eu gosto de beber, mas é impossível que eu fique bêbado, porque tenho como que um *chip* que me avisa quando preciso parar), porque é triste demais ver alguém que não raciocina, que diz idiotices e vomita; é uma coisa horrível, horrível! Quando estava lendo as perguntas de vocês, voltou à minha mente que eu tive a sorte de conhecer dois gêmeos; quando os conheci não sabia que eram gêmeos, eu falava com um sem saber que havia outro igual. Com um dos dois eu

comecei a brigar, chegamos às vias de fato e eu ganhei. Mas logo apareceu o segundo, e ambos me deram uma surra; depois se arrependeram, porque dois contra um não é muito leal, e assim viramos grandes amigos. Esses gêmeos eram filhos de um homem e uma mulher que para mim foram como pais. Na casa deles sempre havia um lugar para mim. Eu comia na minha casa e assim que acabava ia para a casa deles. Nessa família aprendi o que não aprendi na minha: como um homem olha para uma mulher e vice-versa; o respeito e o amor imenso de um para o outro. Em vez de chorar porque meus pais não eram um modelo, olhei para onde havia uma realidade que correspondia ao que eu desejava. Quando eu também me casei, entendi que a forma com que eu olhava para minha mulher, como a respeitava e como estava com ela tinha muito a ver com o que eu tinha visto naquela família. Na vida há pessoas das quais podemos aprender o que se deve fazer, e outras pessoas – que não são menos importantes – das quais podemos aprender o que não se deve fazer. Mas é mais importante ter pessoas das quais se aprende o que se deve fazer. Eu descobri depois de muitos anos que aquelas pessoas tinham sido mais importantes do que eu pensava. Lembro-me de um aluno meu que era órfão, e quando falávamos na aula vinha à tona o tema do amor, ele sempre levantava a mão e dizia: «Mas eu perdi meus pais, então sou um infeliz». Até que um dia eu lhe disse: «Esteban, você precisa entender uma coisa: na vida há pessoas que se dedicam a olhar para trás e assim terminam com um torcicolo, o que não é muito interessante; mas também há pessoas que olham para frente. Por isso você tem que escolher: ou o torcicolo ou olhar para frente e caminhar». Aquele menino nunca mais fez uma objeção; depois se casou e teve filhos.

Então fico feliz de estar com vocês. Vocês não são apenas uma esperança, vocês são uma realidade. Com os meus alunos aconteceu a mesma coisa: na Espanha o Movimento nasceu com jovens como vocês. Padre Pepe, que está sentado aí na frente, era um garoto como vocês, três anos mais velho.

O problema da vida é o desejo. Poderíamos dizer: «Dize-me o que desejas e te direi quem és». Se você tem uma capacidade de desejo pequena, é pequeno; se tem uma capacidade de desejo grande, é grande. O desejo nos constitui, tanto é verdade que é impossível atingir uma coisa que não se deseja. Até os doze anos eu fui uma criança muito “difícil” (repeti de ano duas vezes); quando meu pai morreu, vendo eu minha mãe costurar de madrugada para pagar a minha escola, eu como que acordei do sono e disse: «Este ano eu vou pegar uma bolsa de estudos». Eu sempre tive dentro de mim um grande desejo, e conforme crescia fui descobrindo que o desejo era por tudo, e que por menos de tudo não dá para viver, pois somos feitos para o todo. Cada um de nós poderá identificar o todo com esta ou aquela coisa em particular, mas sempre buscará o todo. Comigo foi assim. Esse desejo do todo, essas exigências do coração, essa pergunta nunca me abandonaram. Lembro que no domingo à noite eu ficava triste, mesmo se meu time tinha vencido, o Gijón; ou então eu tinha estado com meus amigos e isso não bastava, Eu dizia: «Amanhã é segunda-feira, amanhã preciso ir à escola e não estudei absolutamente nada!».

Conto-lhes uma segunda coisa. Por nove anos frequentei uma escola de jesuítas, a melhor da minha cidade, com professores bons e outros não. Eu não estudava e perdi dois anos. Quando meu pai morreu, como eu lhes disse, vendo eu minha mãe sacrificar-se, comecei a estudar, mas como eu tinha uma péssima reputação, todas as coisas ruins que aconteciam eram atribuídas ao “Carras”, e eu estava sempre triste. Mas tive um professor (que também me marcou depois, quando me tornei professor) que gostou de mim, mesmo eu sendo um garotinho muito difícil. A gente entrava na escola às oito da manhã e saía às oito da noite: assim um dia, vendo-me tendo que lidar com um problema, ele me disse: «Você é bom! Siga em frente assim». Resolvi o problema e ele me disse: «Viu como você consegue?». Ele tinha me dado a responsabilidade de cuidar do material esportivo. Eu me comportava mal com todos os professores que não gostavam de mim, mas com ele eu não podia. Com esse professor eu descobri que vence quem abraça mais forte. Vence quem abraça mais forte! Com os meus alunos eu tive uma sensibilidade muito grande, principalmente com os mais difíceis, porque eu também tinha sido difícil; eu me identificava com eles e pensava: «Vence quem abraça mais forte,

então tenho que abraçar esse garoto». Foi uma experiência que eu soube olhar e que – com a ajuda de Deus – salvou a minha vida. Esse desejo é o segredo da vida: com menos do que tudo uma pessoa não consegue ser feliz, é impossível ser feliz. Com menos do que tudo, o tempo vence, o tempo se torna inóspito, o tempo se torna só uma dificuldade, o tempo não é amado.

Nos anos da minha juventude não cheguei a amar Jesus, porque Cristo era alguém que tinha vindo e ido embora. O pensamento de que Ele tinha continuado presente não estava em mim (eu só o descobriria muitos anos depois). Há uma poesia de León Felipe, um poeta espanhol que depois da guerra civil teve que fugir para o México, que diz: «Porque ele, Cristo, veio, atribuiu-nos a nossa tarefa e foi-se embora»; então eu dizia: «Teria sido melhor se ele nem tivesse vindo, porque eu já tenho tarefas demais!». Enfim, mesmo tendo frequentado uma escola católica, eu não tinha chegado à certeza da fé.

Na Espanha estávamos sob a ditadura de Francisco Franco (que durou quarenta anos, até 1975), não havia liberdade, reunir-se em mais de vinte pessoas era um crime, não podíamos falar livremente para não correr o risco de sermos presos. Naquela época conheci um grupo de intelectuais que lutavam pela liberdade e que tinham perdido a cátedra na universidade por causa de sua oposição a Franco; assim viviam dando aulas particulares aos meninos, eram grandes professores que ensinavam matemática a grupinhos de dez meninos, não podendo nem ensinar numa escola superior. Através dessas pessoas descobri a anarquia, o amor pela liberdade. N’*O senso religioso*, Dom Giussani diz que o anarquista é desejo de liberdade e «afirmação de si até o infinito».

Além do mais, eu pensava: «O que desejo, se for verdade, deve ser possível vivê-lo desde agora», não como os comunistas que diziam: «É preciso lutar para que outros possam ver o que nós jamais veremos». Parecia-me muito mais humano viver uma experiência que afirmava: «Se for verdade o que vivemos, deve poder ser visto desde hoje». Vivi uma experiência comunitária linda: morávamos juntos, púnhamos em comum metade do salário. Nasceu assim uma editora para difundir a cultura – porque o anarquismo ama a cultura – e como cobertura para podermos rodar pela Espanha dando cursos de política e de sindicalismo. Eu encontrei pessoas interessantíssimas, porque procuravam o todo. E depois era o máximo do idealismo, pensem que naquela editora todos os cargos estavam num rodízio, para evitarmos a tentação do poder, e assim coube também a mim ser diretor.

Naquele período, caí numa crise muito profunda, porque dizia: «Eu estou dando a vida por uma coisa que não colocou para si o problema fundamental, ou seja, por que o mal existe». Minha mulher estava muito preocupada. Nessa situação, José Miguel Oriol, que cuidava das publicações da nossa editora, foi à feira do livro de Frankfurt e viu o estande de uma editora italiana – que se chamava, e se chama, Jaca Book –, cujas publicações eram muito interessantes. Depois que ele os conheceu, os responsáveis da Jaca Book lhe disseram: «Você tem que vir a Milão para conhecer o velho». O velho era Giussani. Chamavam-no “o velho”, afetuosamente, porque tinha só cinquenta anos! Assim Oriol foi. Assim que voltou para a Espanha, eu lhe disse: «Eu também quero conhecer esse homem». Portanto fomos a Milão, Giussani estava nos esperando com algumas pessoas num bom restaurante (ainda lembro a rua). Naquela noite descobri que ele tinha um amor pela razão e uma liberdade que me conquistaram. Dom Giussani ofereceu a possibilidade de hospedar duas pessoas espanholas em Milão. Conversei sobre isso com Jone (minha mulher) – que tinha feito os estudos de enfermagem, trabalhava num grande hospital e em um mês conseguiria uma vaga de trabalho por tempo indeterminado –, mas ela me viu tão mal que me disse: «Vamos nós para Milão!». E assim fomos para Milão.

Em Milão, Giussani nos indicou a família de um arquiteto, Enrico Magistretti. Chegamos a Milão na quinta-feira, e no sábado nos telefonaram: «Espanhóis, o que vão fazer no fim de semana?, «No fim de semana? Acabamos de chegar, vamos visitar Milão», «E por que vocês não vêm conosco?», «O que vocês vão fazer?», «Vamos numa casa no campo. Querem vir conosco?», «Tudo bem, vamos com vocês. Temos

tempo para conhecer Milão». Fomos e encontramos um grupo de italianos, recém-casados, com crianças recém-nascidas; eram amigos; uns iam fazer compras, outros cozinhavam, outros preparavam as bebidas. Almoçamos no gramado. As crianças brincavam; a gente comia, bebia, discutia animadamente, mas aquelas discussões não nos dividiam, pelo contrário, nos uniam. No fim do almoço voltamos para casa e minha mulher me disse: «Os italianos desse movimento [não conseguia dizer mais do que “esse movimento”] são mais amigos do que nós com nossos companheiros espanhóis». Essa foi a chave de tudo. Eles usavam um livro de orações e minha mulher me disse: «Vou comprá-lo. Nós também vamos começar a rezar». E começamos assim, seguindo aquelas pessoas, porque nelas vimos algo diferente, vimos aquilo que Giussani nos dissera feito carne naquele grupo: eram amigos porque viviam uma coisa maior do que eles, uma coisa infinitamente maior do que eles, que era tudo para eles. Nele você via a comunhão, e ao mesmo tempo via a libertação, o desejo de mudar a sociedade, de comunicar Cristo dentro do mundo. Essa foi a primeira abordagem.

Quando, depois de dois anos, fomos dispensados por Giussani, ele nos disse – nunca vou me esquecer –: «Fiquei muito feliz de tê-los conhecido e lhes desejo muitas coisas bonitas». Não nos perguntou se faríamos o Movimento na Espanha. Não, nenhum pedido associativo, simplesmente «feliz por nos ter conhecido». Lembro-me de lhe ter dito: «E quando vamos nos ver?». Então ele ficou muito surpreso, e a partir daí tudo mudou. «Quando você quiser. O dia 26 de dezembro é feriado na Itália, no dia 27 estarei em Madri». Foi para Madri por causa de quatro gatos pingados, literalmente: Oriol com sua mulher, Jone e eu, só por nós quatro. Tínhamos voltado totalmente decididos a fazer o Movimento na Espanha, mas comecei a ter dificuldades, de novo, entrei numa nova crise (as crises são muito interessantes, o único problema é sair vivo para contar; porque das crises sempre nasce uma coisa maior, se a pessoa souber enfrentá-la). Então, eu estava triste. Naqueles dias Giussani me ligou: «Convidaram-me para ir a Barcelona. Devo aceitar?». Pensem, ele me telefonou e me disse: «Devo aceitar ou não?». «Aceite. Vão pagar a viagem?» – nós não tínhamos um centavo –. «Sim», «Então nos vemos em Barcelona, e depois você vem para Madri».

Em Barcelona fiz uma das maiores experiências da minha vida. Eu estava muito triste por não conseguir começar o Movimento. Naquele dia havia uma neblina terrível. O aeroporto estava fechado e mal se viam as luzes da pista de aterrissagem; os aviões que tinham aterrissado na noite anterior podiam decolar, mas ninguém podia aterrissar. Fiquei contando a Giussani todas as minhas penas: «É melhor você pensar em outro alguém para o Movimento na Espanha. Eu não dou conta, não consigo nada», e ele me dizia: «Mas tem o sol». Mas se havia uma neblina fortíssima! Quanto mais lhe confiava minhas penas, mais ele dizia: «Mas tem o sol». Que será que queria dizer? Subimos no avião, neblina total, decolamos, e depois de dez segundos o sol apareceu; Giussani me olhou e disse: «O sol está aí!». Esse episódio ficou gravado em mim por toda a vida! Quando a neblina me ataca, penso: «Mas tem o sol». Se você viu o sol, mesmo que só uma vez, não pode pôr em dúvida que ele existe. «Carras, o sol existe»; e eu dizia: «E daí?». Ouçam o que ele me disse: «Carras, tenho uma coisa para lhe dizer: se você quer fazer o que eu faço, porque não faz o que eu fiz?». «E o que você fez?». «Eu fui ensinar numa escola». Eu tinha trinta e sete anos (o último garoto de quinze anos que eu tinha conhecido era eu! De fato, assim que alguém completa dezesseis anos, para de olhar para os de quinze) e respondi: «Então vou ensinar». Comecei a procurar trabalho, encontrei uma escola e assim comecei.

Nesse meio tempo, Oriol fundou uma editora (as Ediciones Encuentro), que foi muito útil, porque um catálogo dos livros foi parar nas mãos de padre Carrón (que perto dos anos setenta era um jovem padre que, com alguns sacerdotes, tinha dado vida a um grupo interparoquial envolvido com os jovens). Ele estava interessado no programa da Encuentro, porque tinha livros que o grupo dele também queria publicar. Eu o convidei para jantar na minha casa. «Tudo bem. Posso levar um amigo?» «Claro». «E como se chega?», «Não vou dar o endereço, porque é quase impossível chegar». Nós morávamos num casebre de 32 metros

quadrados, numa rua de terra, num bairro com doze mil famílias, numa situação súper proletária. Estávamos lá pelo ideal, porque podíamos ter uma casa; com efeito, os dois trabalhavam, mas ainda queríamos seguir o anarquismo dos anos anteriores, ficando com os últimos da Terra; por isso morávamos lá, felicíssimos. Carrón veio jantar e ficamos juntos até meia noite. Começou assim a nossa história com ele.

Depois na escola, ensinando, conheci os primeiros meninos. Lembro que cantávamos *Favola*, de Claudio Chieffo: «Há alguém com você, nunca o deixará...». Era a música que me sustentava; enquanto eu ia para a escola, muitas vezes pensava: «Desses meninos não vai sobrar nenhum. Eu os convidei para esta iniciativa e só vieram três», e então dizia a mim mesmo: «Há alguém com você, nunca o deixará». Eu ia de moto e cantava essa música: «Há alguém com você...». Se Ele está, nunca te deixará. E assim na escola nasceu o Movimento.

O resto da minha história é que, a certa altura, Giussani me nomeou responsável da internacional de CL; eu ia a Milão todas as segundas-feiras, ficava alguns dias e então voltava para Madri. Depois perguntei aos responsáveis do Movimento na Espanha se alguém estava disponível para ir à Itália para abrir o Centro Internacional de Comunhão e Libertação em Roma, em vista do Grande Jubileu de 2000. Jone tinha descoberto a fisioterapia durante a nossa primeira estadia na Itália, tinha estudado fisioterapia e tinha aberto uma clínica em Madri com seis fisioterapeutas. Parecia uma loucura deixar tudo! Mas minha mulher me disse uma coisa inesquecível: «Carras, eu estou fazendo a oração de Moisés». «E qual seria a oração de Moisés?», «Moisés disse ao Senhor: “Se tu não estiveres conosco, nós não vamos mover-nos daqui”».³⁵ Eu fiquei estupefato e disse: «Isso é bonito! Que mulher que eu tenho!». Chegada a hora, nos olhamos e dissemos: «Quer dizer que Ele vem conosco», e assim partimos para Roma.

Por isso a minha resposta à pergunta do Tríduo – «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?» – é esta: o que eu encontrei resiste. Deus fez milagres, as nossas vidas estão realizadas. Pensem: enquanto anarquistas, para estarmos mais livres para fazer a revolução não queríamos ter filhos. Quando encontramos Giussani, dissemos entre nós: «Se fizemos um sacrifício tão grande pelo anarquismo, o que faremos por Cristo?». Experimentamos a fecundidade da virgindade, porque a virgindade traz ao mundo mais filhos do que a carne. Pensem que alguns ex-alunos meus são mais filiais comigo do que muitos filhos com seus pais. O mesmo ocorre com Jone. Ao longo dos anos experimentamos uma paternidade e uma maternidade maiores, tão verdadeiras que se concretizam em rostos, e-mails, telefonemas, numa companhia constante. Encontramos o princípio unitário da vida, o único que resiste à prova do tempo. Descobrir o princípio unitário de todas as coisas é fundamental. O relojoeiro pode conhecer todas as peças, mas se não possui o princípio unitário não consegue consertar um relógio quebrado. Assim é para o médico: a saúde depende de um princípio unitário que faz com que cada órgão contribua na medida certa para o todo; e a doença ataca quando um órgão deixa de colaborar para o todo. O funcionamento de um carro está ligado a um princípio unitário, e quando uma peça já não colabora como deveria, aí ele falha. A vida é muito mais do que um relógio, a saúde ou um carro. Encontrar o princípio unitário da vida te faz olhar a realidade com uma razoabilidade, com uma inteligência e com uma esperança que seriam impossíveis sem ele. Eu descobri esse princípio unitário ao encontrar Dom Giussani.

Conto-lhes um fato. Era o mês de julho, em Milão: um calor terrível; era a primeira vez que Carrón me acompanhava num encontro internacional do Movimento. Fomos à casa de Giussani, na mesa estava uma garrafa d'água toda “suada”, porque tinham acabado de tirá-la bem gelada da geladeira. Vendo-a, Giussani nos disse: «Porque para mim Cristo é tão presente quanto esta coisa», e nisso acariciava a garrafa, enquanto a umidade dela escorria até a mesa. Eu olhava para aquela mão tocando aquela garrafa e pensava: «Eu quero que um dia Cristo seja tão presente para mim quanto é para ele». É uma lembrança inesquecível. Giussani

³⁵ Cf. Ex 33,15.

dizia que a fé é reconhecer uma Presença, ou seja, não se trata de alguém que veio e depois foi embora, como eu pensava quando jovem. Ele também dizia que rezar é fazer memória dessa Presença que é a resposta a todas as nossas perguntas. Eu entendi tudo isso graças a Dom Giussani e a rapazes como vocês que o seguiram. Descobri que o princípio unitário é esse Tu; o Tu de Cristo é o princípio unitário que desperta essa capacidade de amizade que é a comunhão: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei»,³⁶ «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos»,³⁷ «Eu rogo, Pai, que como tu e eu somos um, também eles sejam um em nós, para que o mundo creia».³⁸ Este ser uma só coisa entre nós graças a Ele é a felicidade da vida, porque não fomos feitos para viver sozinhos, não fomos feitos para dizer: «Que bonito, ninguém me quer!». Nunca conheci ninguém que gritasse isso; mas encontrei muita gente que chorava por acreditar que ninguém a amava.

Então o que vence o impacto da passagem do tempo? O que perdura no tempo? É esse Tu que se torna princípio unitário de tudo, uma Presença inexorável, inevitável, que transparece no jeito de olhar sua mulher, os amigos, o trabalho. Com esse princípio unitário que é a presença d'Ele, ir trabalhar é uma coisa maravilhosa. Giussani nos dizia que o verdadeiro pecado não são tanto as besteiras que podemos fazer, e sim – o que nunca confessamos, porque não sabemos que é o verdadeiro pecado – a distração e o esquecimento, que fazem com que toquemos a realidade sem que ela se torne uma aurora nova. Esta é a missão. A missão não é falar de Jesus a pessoas que não perguntaram nada, a missão é viver dessa Presença. Se eu não caio na distração ou no esquecimento e reconheço que Ele está presente, então vou trabalhar de outro jeito, vou estudar de outro jeito, vou à aula de outro jeito. Toco a realidade de outro jeito e tudo se torna uma aurora nova. A questão não é falar ou explicar, porque é a realidade que fala d'Ele. É uma coisa de outro mundo poder ir à escola ou ao trabalho assim. Quem está apaixonado não precisa escrever na agenda: «Telefonar para...» (eu nunca escrevo na agenda: «Telefonar para Jone»; não preciso escrever isso porque me é espontâneo, ai de mim se não telefono; não posso deixar de telefonar!). O mesmo vale com Cristo: você não precisa marcar na agenda que tem que rezar, porque chega um momento em que você não consegue esquecer-se de rezar. Graças a isso descobrimos o que significa sermos esposos, qual é o valor do casamento. Uma vez ouvi Dom Giussani dizer que, se quando dois que se amam não amam juntos Aquilo – com maiúscula, Cristo – que não há de passar, o amor deles vai passar. Esse é o segredo do amor entre um homem e uma mulher, entre amigos e entre pais e filhos, porque a gente se cansa de se olhar nos olhos; depois aparecem outros olhos e nos confundimos. O segredo é encontrar Aquilo, Aquele que não passará. Essa é a força da vida, no casamento e na relação com os amigos. Há vinte e dois anos estou longe de Madri – meus alunos que seguiram o Movimento se casaram, os filhos e as filhas de alguns deles se casaram entre si; é uma história linda! –, mas não perdi nenhum amigo, porque Cristo vence o tempo e a distância. O único segredo é que eles, em Madri, continuem vivendo a mesma coisa que eu vivo em Roma. Quando vivemos a mesma coisa, quando vivemos essa Sua presença que se torna princípio unitário do conhecimento de tudo, a amizade não termina. Em maio tenho um compromisso com um grupo de doze, quinze amigos, que há muitos anos vêm de Madri para Roma para um jantar; chegam às oito da noite e partem no dia seguinte às nove da manhã.

A minha experiência é esta: Ele vence, porque é o segredo de tudo, e sua manifestação é a letícia.

Concluo com uma coisa que me ajudou muito na vida. Nas perguntas de vocês, muitos contaram coisas ruins que lhes aconteceram e perguntaram: «O que Deus tem a ver com as coisas ruins que acontecem?». Tem a ver. Mas como? Deus não é responsável pelas coisas que acontecem. Ele tinha oferecido ao homem um mundo onde não existiam a dor, o trabalho e a morte. Mas, depois que o homem cometeu o pecado

³⁶ Mt 18,20.

³⁷ Mt 28,20.

³⁸ Cf. Jo 17,21.

original, Ele disse à mulher: «Entre dores darás à luz os filhos», então quer dizer que no mundo que Deus criou não existia a dor. Ele também disse: «No suor do teu rosto comerás o pão e morrerás». O mal, a dor e a morte são consequências da liberdade do homem, porque Deus nos criou livres. Senão Deus seria malvado, sendo que é a perfeição e o bem. Nós pagamos as consequências do fato de sermos descendência, família daqueles primeiros dois, mas Ele não nos abandonou, e um dia – exatamente como fizemos memória ontem – tomou sobre si o pecado e a dor do mundo até morrer na cruz. Lembrar disso sempre me ajudou muitíssimo na vida.

Tudo isso eu devo a Giussani, que me fez descobrir isso, e tenho que agradecer a jovens como vocês que o seguiram, que disseram sim à proposta dele, e graças a esse sim o Movimento existe. E vai continuar existindo graças ao sim de vocês. Vocês não são menos importantes pelo fato de serem os mais novos entre nós. Vocês são importantíssimos e, se se deixarem fazer por Deus, Ele realizará maravilhas em vocês. Obrigado.

Pigi Banna. Obrigado, Carras, por como você olha para quem é mais novo do que você (esses rapazes poderiam ser seus netos); isso nos dá esperança de que o que vislumbramos nestes dias como uma aurora possa tornar-se história para cada um de nós, possa tornar-se “a” história que marca a vida e que, como dizia Kierkegaard, jamais esqueceremos.

Cristo ressuscitou e continua sendo fiel à nossa vida.

Por isso, vamos cantar juntos *Cristo risusciti*.³⁹

Cristo risusciti

³⁹ G. Stefani, Anônimo, “Cristo risusciti”. In: *Livreto do Tríduo*, p. 73.

Mensagem de saudação, de Julián Carrón

18 de abril de 2019

Caros amigos,

quem de nós não experimentou momentos em que lhe parecia tocar o céu com um dedo? Tão felizes, tão plenos estávamos. São momentos únicos, exaltantes, que desejaríamos que ficassem para sempre, porque «nos parecia ter encontrado a chave / secreta do mundo» (F. Guccini, *Farewell*).

Mas quantas vezes, logo a seguir, parece que «tudo fica em ruínas», como diz uma música de Gaber (*L'illogica allegria*).

É a partir dessa experiência elementar – que todos fazemos – que surge, urgente, a pergunta que temos sob os nossos olhos nestes dias: «O que é que resiste ao impacto do tempo?».

Não podemos responder a essa pergunta com nossas opiniões, com nossas reações instintivas. Elas, com efeito, não conseguem oferecer uma resposta à altura da urgência que todos sentimos dentro de nós.

Só um acontecimento, só uma experiência vivida pode ser capaz de responder de forma adequada. Encontrá-la não é um problema de inteligência ou de esforço, mas de atenção. É o que nos lembra Dom Giussani: «A verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção» (*O senso religioso*, p. 59).

Mas como conseguir identificá-la, como não errar em reconhecê-la?

«Eis – escreve Kierkegaard em seu *Diário* – o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos daquela».

Já lhes aconteceu uma coisa do gênero?

Só quem a identifica em sua própria experiência é que terá a resposta à pergunta que lhes foi feita para estes dias e que é “a” pergunta da vida.

Haverá aventura mais fascinante do que encontrar “a” resposta?

Boa aventura!

E boa Páscoa!

O vosso amigo

Julián

Meditações de Pigi Banna

1. Amou-os até o fim (Jo 13,1)

QUEM É AMIGO?

O que resiste ao impacto da passagem do tempo? O tempo apaga tudo?

É uma pergunta que não deixa em paz, aterrorizante e dilacerante, porque lembra as muitas experiências de fracasso de que a vida não nos poupa. É o fracasso do sentimento, quando o entusiasmo se desfaz depressa, deixando-nos nas mãos da decepção. «Nada dura, nada dura» – canta Vasco.¹

Mas há um fracasso que torna essa pergunta ainda mais lancinante: é o fracasso das relações mais queridas, quando os amigos, até mesmo os pais às vezes, nos traem. Mas então quem é o verdadeiro amigo que não trai? Quem é o amigo que resiste ao impacto da passagem do tempo?

Diante da decepção e da traição, ficaríamos tentados a responder que nada resiste ao impacto da passagem do tempo. Insinua-se a ideia de que toda a luz que nos iluminou tenha sido só o engano de um buraco negro em que tudo acaba. De que adiantam, então, os oásis felizes, as tocas em que de vez em quando procuramos abrigo, vestindo uma máscara, ainda que só por uma noite, se no fim tudo termina no nada? De que adianta preocupar-se em ser alguém aos olhos dos outros? Como um de vocês escreveu: «Os adultos chamam de “crescimento”, mas eu chamo de “tortura”». Essa tentação – para usar uma palavra precisa – chama-se niilismo, que significa afirmar que em última instância tudo é nada, como Montale descreve em sua poesia Talvez uma manhã: «O nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado».²

O niilismo é uma opção sempre à espreita, mas quão razoável é dizer que tudo é nada? No fundo, é uma via de escape confortável, uma solução fácil quando não conseguimos ficar diante da traição e da decepção. Então preferimos fugir, mas fugir de quê, no fundo?

De nós mesmos. Fugimos do desejo de que alguma novidade ainda possa acontecer, que possa acontecer algo que nos faça renascer mais do que quando a nossa mãe nos fez nascer, algo do qual já não possamos voltar atrás, algo mais forte do que o fracasso, do que o sentimento, mais forte do que a morte.

Nós estamos juntos porque não queremos fugir de tudo assustados, cheios de medo do nada. Somos amigos para defender do nada o desejo mais verdadeiro, de que nos aconteça algo que finalmente resista ao impacto da passagem do tempo.

Testemunho

Infelizmente, há meses trago em mim um grande peso.

Uma noite descobri que minha mãe estava tendo um relacionamento com outro homem.

Essa descoberta me devastou; e tudo foi amplificado pelo fato de que meu pai não queria mais saber disso.

Tentei resistir a essa dor, mas pouco tempo depois comecei a sentir suas pontadas e deixei que tudo me sufocasse, e senti como muito apropriados os versos: «E como é estranho fazer mal a si mesmo enquanto o tempo apaga o que você é» (*Caccia militare*, Rovere, 2017).

Enfim, na semana passada, depois de anos de brigas com meus pais para ir ao Tríduo, meu pai me disse: «Me parece que seja só uma coisa muito maçante, mas, se você acha que é importante para você, pode ir». Naquele momento, pulei instintivamente para abraçá-lo. Foi fantástico ouvir essas palavras vindas dele.

¹ V. Rossi, “Dannate nuvole”, do livreto com os textos utilizados durante o Tríduo de GS, p. 6; encontrado em formato PDF no site de CL. Doravante *Livreto do Tríduo*.

² E. Montale, “Forse un mattino”. In: *Livreto do Tríduo*, p. 5.

Venho ao Tríduo perguntando-me: «Como é possível ficar diante dessa situação?» e «Como não deixar que o tempo apague tudo?».

O CORAÇÃO ESTÁ DESPERTO, DESPERTO!

O niilismo escolhe renegar e evitar algo que resiste dentro de nós. Por mais que possamos tentar convencer-nos de que nada resiste ao impacto da passagem do tempo, nunca conseguimos anular totalmente o desejo de uma mudança, de uma inversão de rota. Como Lady Gaga canta em sua música *Shallow*: «Você está feliz neste mundo moderno? Ou precisa de mais? Há algo que esteja procurando? [...] Em todos os momentos bons eu fico desejando uma mudança, e nos momentos ruins eu tenho medo de mim mesmo. Diga-me uma coisa, garoto, você não está cansado de tentar preencher esse vazio?».³

Há algo em nós que, mesmo se às vezes é desconfortável, se rebela contra a hipótese de que tudo é nada. Uma garota escreveu: «Mas, se as coisas não resistem ao impacto da passagem do tempo, por que eu fico tão mal? Por que eu sempre sofro com o pensamento de que as amizades acabam? Porém, apesar dessa raiva, não posso abrir mão de ver que “algo” em mim grita continuamente». Esse “algo” é o coração: a exigência de felicidade, de verdade, de justiça. Apesar de todas as decepções, reaparece, nunca se resigna totalmente, resiste ao impacto da passagem do tempo. O poeta Machado descreve assim: «Dormiu-se meu coração? / Apiários de meus sonhos, / já não lavrais? / [...] Não, meu coração não dorme. / Está desperto, desperto».⁴

O nosso coração tem uma natureza mais infinita do que o nada para o qual gostaríamos de fugir. Por isso, no fundo de toda decepção, ficamos esperando uma mudança: que o amor volte, o amor verdadeiro, que a vida renasça, que ocorra algo à altura do nosso coração.

Testemunho

Numa noite particularmente difícil por vários motivos, fiquei sozinho, depois de ter brigado com alguns amigos e tendo um milhão de coisas para estudar. Liguei a música na tentativa de me distrair e não pensar em nada. Mas o incômodo não ia embora, e tudo parecia dizer-me que não valia a pena, que a vida é banal e monótona.

A certa altura, acendeu-se um ímpeto em mim, uma rebelião interna. Olhei para o relógio com o tempo que passava e me disse: «Caramba, eu estou aqui!». Não é verdade que tudo passa em vão. Mergulhei a fundo no estudo, minha exigência de sentido se misturou com a dos autores e ficou ainda maior.

Pensei no rosto dos meus amigos, mesmo daqueles com quem tinha brigado, em todas as dificuldades. A vida estava ali na minha frente – tal como eu era –, me estava sendo dada naquele momento.

Eu me dei conta de que existo sem ter feito nada para merecê-lo e de que precisava procurar algo que resistisse de verdade ao impacto da passagem do tempo. Eu me senti querido e não mais sozinho.

UMA NOVIDADE RADICAL

O que está à altura do coração? Quando as nossas tentativas de juntar os cacos do que se corrompeu ao longo do tempo se mostram frágeis e limitadas, o que é que pode bastar à necessidade tão grande de uma mudança que dure no tempo?

«Um imprevisto / é a única esperança»:⁵ um imprevisto, uma novidade radical que não seja um produto das nossas mãos, dos nossos pensamentos. É preciso que aconteça algo tão novo, que marque para sempre o nosso coração, mais do que uma tatuagem na pele.

Sören Kierkegaard fixa o critério com que podemos reconhecer essa novidade radical quando acontece: «Eis o que é importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter sentido uma coisa tão grande, tão

³ L. Gaga; B. Cooper, “Shallow”. In: *Ibidem*, pp. 7-8.

⁴ A. Machado, “Mi corazón se ha dormido”. In: *Ibidem*, p. 7.

⁵ E. Montale, “Antes da viagem”. In: *Ibidem*, p. 8.

magnífica, que qualquer outra parece um nada em comparação com ela e que, ainda que nos esquecêssemos de todo o resto, nunca nos esqueceríamos desta». Já nos aconteceu algo semelhante?

Quando essa novidade acontece, nós a reconhecemos porque reabre o nosso coração para a esperança, como escreve um jovem poeta: «Hábeis mãos / Que tiram do matagal / Um coração / Que definhava, esquecido».⁷ Só essa novidade radical é que está à altura do nosso coração: uma preferência diante da qual não precisamos nos esconder e finalmente podemos ser nós mesmos, na qual o que é negativo em nós se torna positivo. Essa preferência é como se dissesse: «És muito precioso para mim»,⁸ você, não outra pessoa; você, agora, tal como é, não quando mudar ou quando for diferente. Que diferença em relação à maneira com que normalmente concebemos o amar e o querer-se bem, reduzidos a uma posse, a um desfrute mútuo, para depois nos deixarmos.

Essa preferência é infinita, não se detém diante do nosso fracasso e da nossa traição: diante da traição, ama ainda, mais, até o fim, até dar a vida por você. Como Jesus fez com seus amigos: vendo os limites e as traições deles, «amou-os até o fim»,⁹ ou seja, até dar a vida por eles.

Para além dos nossos preconceitos e das opiniões comuns, o cristianismo é originalmente o anúncio dessa preferência infinita, o acontecimento dessa novidade radical além dos nossos pensamentos, como escreveu Dom Giussani: «Uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta, não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca pensamos nisso, não podíamos pensar nisso, e está aqui. [...] O cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que [...] garante uma mudança inimaginável, inimaginável».¹⁰

Diante da novidade radical dessa preferência que nos alcança, não é preciso já sermos crentes, não é preciso recuarmos por não o sermos.

Testemunho

Desde sempre eu brigo, por qualquer coisa. Cresci numa família desastrosa e amadureci antes do tempo. E mesmo se não aparento, por dentro sou um desastre.

É como se dentro de mim houvesse um buraco negro, pronto para levar embora tudo o que tenho dentro de mim. Sempre estive acostumada a usar uma máscara, a não mostrar o que me acontecia. Nunca consegui falar com ninguém sobre essa escuridão que tenho dentro de mim, mas queria que alguém pudesse e quisesse me entender; e encontrei isso em GS: encontrei amigos que estão dispostos a me escutar e ficar perto de mim. Graças a GS estou descobrindo a mim mesma, verdadeira, sem máscaras. Não adianta nada esconder-se atrás de uma máscara para esconder você mesma. Eu sempre fiz isso para esconder o quanto as coisas me reduzem a pedaços, mas finalmente entendi que eu também sou feita disso.

⁶ S. Kierkegaard, *Diário*. In: *Ibidem*, pp. 8-9.

⁷ L. Bernardi, “Giacinto”. In: *Ibidem*, p. 9.

⁸ Is 43,4.

⁹ Cf. Jo 13,13.

¹⁰ L. Giussani, *Vivo é algo presente!*. In: *Ibidem*, p. 9.

2. Sem mim, nada podeis fazer (Jo 15,5)

ALGO «QUE NÃO TEM VOLTA»

Qual é a natureza da novidade radical dessa preferência de que falamos, que mesmo que se passasse um ano e você já não conseguisse vê-la, você não conseguiria tirá-la dos olhos, não conseguiria esquecer-se dela? É algo que poderíamos descrever com as palavras de outra música da Lady Gaga: «Quando o sol se puser e a banda parar de tocar, eu sempre me lembrarei de nós assim. Quando você olhar para mim e o mundo todo desaparecer, eu sempre me lembrarei de nós assim».¹¹

Aconteceu algo parecido conosco? Todos vivemos experiências lindas, entusiasmantes, emocionantes que, porém, terminam, estão confinadas a um instante, «como uma onda do mar que, depois de ter tocado a praia, se retira e tudo volta a ser como antes».¹² Mas será que há alguma experiência da qual já não voltamos atrás, a ponto de você descrever sua vida como cortada em dois, *antes* desse momento e *depois* desse momento? Ou tudo está à mercê das emoções?

Normalmente, resumindo ao máximo, o que nos acontece pode ser descrito assim: nós chegamos de uma experiência A (a solidão, a confusão, a decepção), depois nos acontece B, algo que nos envolve (uma novidade radical: sentimo-nos preferidos, tratados como reis), mas depois de um tempo, com o passar do tempo, parece que aquele B nunca existiu e voltamos para A como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse a força de resistir ao impacto da passagem do tempo.

Porém, se olharmos com atenção para a nossa experiência, percebemos que aquilo que no começo nos marcou em B e o tornou um momento especial, não é tanto uma emoção, mas um fato. É um fato que provocou uma emoção, algo fora de nós move algo dentro de nós. Sempre foi o encontro com alguém, uma pessoa ou uma comunidade, em que tivemos o pressentimento de algo finalmente novo, diferente, a ponto de dizermos: «Ali há algo verdadeiro», porque fomos preferidos, fomos colocados no centro, falava-se de nós, falava-se a nós.

Esse encontro, fora dos nossos pensamentos, acende um fogo dentro de nós, desperta a esperança de uma mudança. O que desperta essa impressão não são só determinadas palavras ou determinados gestos, que podem não permanecer totalmente claros, mas é principalmente a esperança que os gestos e as palavras daquelas pessoas acendem em nós, a ponto de nos fazer dizer: «Acho que encontrei!». Mas será que isso é suficiente para resistir ao impacto da passagem do tempo?

Testemunho

Sempre fui muito seletiva na escolha da companhia (como diz minha mãe, «implacavelmente seletiva»), sempre fui antipática, para mim sempre foi suficiente estar tranquila no meu canto. Não que eu estivesse feliz nessa condição, mas, em vez de me misturar com os meninos da minha idade de que eu não gostava, por causa de seus hábitos (álcool e festas movimentadas demais), sempre preferi seguir a minha predisposição inicial à misantropia.

Entre os garotos de GS, porém, nota-se uma atmosfera diferente: já nas férias de inverno (que foi a ocasião em que encontrei toda a comunidade da minha província) eu tinha notado isso. Não se observa só um forte vínculo de amizade entre esses garotos, mas também uma abertura incomum em relação a pessoas que não conhecem (inclusive eu); uma atenção que nunca recebi de outros.

A comparação entre o meu comportamento com quem encontro e o deles foi inevitável, na minha cabeça. Uma disponibilidade e uma abertura assim, eu não consigo nem sonhar, e estimo enormemente quem consegue acolher o próximo de maneira tão natural.

¹¹ L. Gaga, “Always remember us this way”. In: *Ibidem*, p. 25.

¹² J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, p. 18. Disponível em:

<<https://portugues.clonline.org/publica%C3%A7%C3%B5es/outros-textos/exercicios-fraternidade/o-que-resiste-ao-impacto-da-passagem-do-tempo-2019>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

«ALGO QUE CONTÉM ALGO»

A primeira impressão de algo novo não basta para resistir ao impacto da passagem do tempo, mesmo que nós, como que para retê-la, arrisquemos algumas definições: «É a verdade», «É Deus». É a mesma coisa que acontece com quem ousou dizer pela primeira vez «Eu te amo» à pessoa amada: não adianta repetir palavras-chave ou fórmulas mágicas para reter para sempre a verdade do que aconteceu.

Uma definição não basta, porque depois do grande entusiasmo do início, depois do pressentimento da verdade, a emoção decai e a companhia encontrada mostra seus limites, pois é feita de pessoas frágeis e limitadas. A comunidade maravilhosa que nos tinha acolhido pode agora parecer como um clube exclusivo e sufocante.

É um momento dramático, porque antes de renegar tudo e dizer: «Nada disso foi verdade», tratando o fato que nos aconteceu «como se fosse uma coisa qualquer dentre as que sucedem na vida, que prometem muito e depois decepcionam porque acabam»,¹³ teríamos que entender o que nos marcou naquelas pessoas.

Mas é justamente o baque com os limites do sentimento e da companhia o que pode fazer com que nos demos conta de que o que nos conquistou desde o início não foram eles ou uma capacidade deles, porque eles são frágeis e limitados; mas é algo dentro deles, mas independente deles, maior do que o limite deles: é algo além deles, algo “mais”.

Esse “mais” é excepcional, ou seja, corresponde às expectativas do coração; não foi um produto das capacidades nossas ou deles, mas apareceu «como um “clarão na neblina”, mas este aparecimento fugaz nos deixa igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, “algo que contém algo”».¹⁴

Como mostra a imagem do Cartaz¹⁵ deste ano: o que nos corresponde não é aquela mão para a qual os discípulos estão estendidos, mas descobrir quem está por trás dela, para descobrirmos o que realmente nos aconteceu, quem encontramos através daquelas pessoas.

Por isso nos convém descobrir o que é esse “algo dentro de algo”, esse “mais” que consegue resistir ao impacto da passagem do tempo, quando o entusiasmo diminui e a companhia nos decepciona. Quem foi que encontramos através dessas pessoas?

Testemunho

Eu sei que o que esse Movimento me deu foi algo essencial para a minha vida. Mas o que acontece quando a companhia que você sempre teve do seu lado te sufoca? O que acontece se os rostos que sempre te acompanharam agora te sufocam a ponto de te fazer sentir deslocado, um estranho?

QUEM É VOCÊ?

«Quem é você, que me marcou com esses rostos?». É esse o vértice do coração do homem, que não para diante do fracasso dos sentimentos e dos limites das pessoas encontradas.

Somos provocados a «reconhecer a natureza do encontro que nos aconteceu, da presença que nos investiu».¹⁶ O que é esse «algo dentro de algo»? Quem é você, que se esconde entre nós, atrás de nós?

É uma pergunta que nos deixa à espera, porque se aproxima do Mistério, e qualquer tentativa de resposta parece reductiva. É uma pergunta que nos enche de silêncio, porque o silêncio é a espera pela resposta de um outro que não sou eu, espera de que se mostre, de que mostre seu rosto, de que diga seu nome. Como quando a pessoa declara seu próprio amor: a espera pela resposta da pessoa amada é cheia de silêncio, e todas as nossas tentativas de imaginar a resposta não nos dão a satisfação que dá ouvir dizer: «Sim, eu também te amo».

A resposta a essa pergunta não vem da leitura de um texto, que seria uma coisa só para intelectuais; como escreve Julien Green: «Eu quero vê-lo, quero tocá-lo... Quero estar perto d'Ele, entende? Como se fica perto

¹³ J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, op. cit., p. 22.

¹⁴ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 167.

¹⁵ *Cristo e os apóstolos. Detalhes dos afrescos com cenas da Vida de Cristo*. Igreja de Santa Margarida (~séc. XIII), Laggio di Cadore (Belluno, Itália).

¹⁶ J. Carrón, “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, op. cit., p. 28.

de uma pessoa viva. E quero vê-lo».¹⁷

Não basta nem mesmo repetir como um mantra palavras e orações que outros dizem, ou participar passivamente de gestos religiosos, tentando capturar a resposta, como se tenta pegar uma borboleta com uma redinha. Mesmo alguns cristãos podem viver a participação na comunidade cristã e a oração de modo supersticioso, procurando a mágica da emoção, esperando capturar o favor do Mistério. Todas essas são tentativas humanas de entender, expressão do senso religioso de quem busca ver a Deus e dar por si só uma resposta às próprias perguntas.

Mas isso ainda não é “a” resposta, não é a revelação de uma presença que se impõe e responde à nossa grande pergunta: «Quem é você?». É ainda a nossa tentativa, que, como dissemos, não perdura no tempo.

Os amigos, principalmente os mais velhos, são amigos se ajudarem a nos fixarmos nessa posição de espera diante do Mistério, sem a ansiedade de cobrir essa grande pergunta com respostas que depois decepcionam, porque normalmente nós somos impacientes e temos pressa em darmos nós mesmos a resposta, em vez de esperar recebê-la.

O que é necessário, então? Que, da margem do grande desconhecido, o Mistério venha responder à nossa pergunta: «Quem é você?», venha surpreender-nos para nos fazer renascer.

Testemunho

Quem é você? É você, mas dentro de você há um fogo maior do que você.

Podemos dizer que essa “presença” que vem ao nosso encontro através de pessoas muito frágeis dura no tempo?

Mas como faço para ter certeza dessa presença?

Como posso reconhecer essa presença?

Quem me diz que é Ele mesmo e não alienígenas que nos manipulam do alto?

O que quer dizer ver Cristo nas pessoas?

Comecei a intuir que Jesus está presente agora, mas imploro que me ajudem a entender Quem é.

Quem é que junta tudo isso?

NÃO VOS DEIXAREI ÓRFÃOS (JO 14,18)

A única coisa que resiste ao tempo é uma Presença, que vem para amar a mim e a você agora, para além de todos os limites meus e dos outros. É uma Presença viva, que não nos deixa órfãos, nunca nos deixa sozinhos; uma Presença que em circunstâncias sempre novas volta sempre a nos reconquistar, tanto hoje como ontem, hoje mais do que ontem, sem perder nada do passado.

É isto o que resiste ao impacto da passagem do tempo: uma Presença que é sempre contemporânea a você, pois Seu olhar te “persegue” de maneira nova e imprevista, através de rostos e lugares sempre diferentes, mas com o mesmo tom, com fidelidade, bem ali onde você é mais fraco.

Com o tempo você descobre que esse mesmo olhar, esse mesmo tom, não só é fiel a toda a sua vida, mas há dois mil anos é fiel a toda a história. Através de amigos sempre novos, é essa Presença que faz você chorar assim como fez Pedro chorar amargamente; arranca você do nada da sua distração assim como foi encontrar o ladrão Zaqueu em casa; perdoa os seus pecados e propõe um recomeço assim como fez com a mulher pega em adultério flagrante que estava para ser apedrejada.

A experiência da fidelidade dessa Presença faz nascer uma pergunta cada vez maior: «Quem é você, que resiste ao impacto da passagem do tempo, que há dois mil anos atravessa a história, atravessa a minha história e chega a mim, é contemporâneo a mim?».

Os amigos a quem fiz essa pergunta me responderam como tinha sido respondido a eles, como há dois mil anos continua sendo respondido:¹⁸ «Veja que não sou eu, é Cristo entre nós».

¹⁷ J. Green, “Moira”. In: *Livreto do Tríduo*, pp. 28-29.

¹⁸ Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*. In: *Livreto do Tríduo*, pp. 26-27: «Aqueles dois, João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, disseram-no às suas mulheres [...]. E os amigos disseram-no a outros amigos, e depois a outros amigos, e depois ainda a outros amigos. [...] E estes a outros depois deles, como um grande fluxo que aumentava, como um grande rio que se alargava, e chegaram a dizê-lo à minha mãe – a minha mãe –. E minha mãe disse-o a mim,

Eu jamais teria imaginado essa resposta, não era esse o Cristo que eu imaginava para mim; eu podia pensar num bom homem do passado com cabelos longos e uma longa veste branca, morto e sepultado. Só que Cristo assume a sua cara, a minha cara: eu jamais o teria imaginado assim.

Essa resposta não é um sentimento, não é uma dedução lógica – como a de quem diz: «Eu chego a dizer “Cristo”» –, mas é a resposta que outra pessoa me deu. Eu adiro razoavelmente a essa resposta, porque reconheço que nele há algo que não é ele, «porque há um fator aqui dentro, um fator que decide por essa companhia, decide por certos resultados dessa companhia, por certas ressonâncias nessa companhia, um fator tão surpreendente que se eu não afirmo essa outra coisa não dou razão da experiência».¹⁹

A fé é reconhecer essa Presença, não é uma imaginação, um sentimento, um raciocínio, mas é reconhecer uma Presença da qual você me diz o nome; uma Presença que está na origem de uma experiência que continua a me desconcertar, que está resistindo à passagem do tempo, que vem me retomar.

A fé é reconhecer uma Presença que está além do limite da minha razão, porque não vejo Cristo como vejo você, a não ser em casos extraordinários de visões místicas. Não O vejo, no entanto não posso deixar de reconhecer que é verdadeiro e razoável aderir ao que você me propõe para dar razão do que vivo com você.

Basta ser simples: eu não vejo Cristo, vejo você e seus limites, mas o que me interessa de você é esse fogo que está em você e que vai para além de você. Você me diz que é Cristo; então, por causa desse fogo que vejo e que não sei explicar, eu confio em você, fico do seu lado porque O reconheço presente em você.

Testemunho

Nasci na África e há quase três anos moro na Itália. Eu tinha muita vontade de vir, principalmente porque conheceria meu pai, mas quando cheguei me senti terrivelmente sozinho e confuso.

Dois anos atrás, porém, uma senhora que chamo de “vó” me levou ao Meeting de Rimini e me apresentou alguns meninos de GS. Eu não falava italiano, mas fiquei feliz com eles.

Infelizmente, meu pai não me deixou procurá-los de novo, mas eu não os esqueci e no ano seguinte voltei ao Meeting, onde sabia que os encontraria de novo. E aconteceu!

Agora estou com eles e também participei das férias de inverno. Eram as minhas primeiras férias; voltei para a casa da “vó” e lhe disse que tinha sido tratado como um rei, porque foi assim mesmo. Com a Escola de Comunidade entendo o que estou vivendo agora e também muitas coisas que vivi na África e não sabia julgar.

Acho que o que dura no tempo é a minha necessidade de não estar sozinho e a possibilidade de encontrá-los novamente.

A VOSSA TRISTEZA SE TRANSFORMARÁ EM ALEGRIA (JO 16,20)

Todo homem é chamado a reconhecer essa Presença, a tomar posição sobre a natureza da preferência que experimentou. Como escrevia Kierkegaard, não há problema mais sério na história do que o “ter que”: «Essa mensagem que é o cristianismo não pode significar senão o “ter que” imperioso de concluir acerca de Cristo».²⁰ Quem é Jesus? Uma ilusão das massas, um charlatão, um grande mago que salvou muitos mas não salvou a si mesmo, uma invenção dos padres, ou a identidade dessa preferência que nos alcançou?

Vendo a fragilidade dos nossos sentimentos, que desaparecem no vazio, vendo a pequenez das pessoas que encontramos, vendo a derrota do homem Jesus na cruz, cada um de nós é chamado a dar sua resposta. Não adianta repetir acriticamente e cegamente a resposta de outros, do colega, do responsável ou dos pais.

Estamos numa época em que tudo parece tão frágil e líquido, que não sabemos o que fazer de «um pequeno cristianismo de acomodamentos e de decepções em que nos confundiremos com os nossos próprios

que era pequeno, e eu digo: “Mestre, eu também não entendo o que dizes, mas se formos para longe de ti, para onde iremos? Só tu tens palavras que correspondem ao coração”».

¹⁹ L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 226.

²⁰ S. Kierkegaard, “O desespero humano (pp. 311-446). In: Idem, *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano* (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 441. Apud L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, p. 49.

expedientes».²¹ Se fosse algo que se esgotasse com GS e com a emoção de alguns momentos, então seria melhor não se iludir. Mas o cristianismo não é um oásis feliz num mundo desesperado.

O cristianismo é a mão – a presença contemporânea – de Alguém entre nós que, mesmo se todos fossem embora, jamais vai te abandonar.

Hoje chegamos a um ponto em que só podemos ser cristãos porque reconhecemos que Cristo está presente, vence a história, permite «qualquer escuridão, qualquer dúvida, qualquer medo, qualquer insegurança»²² e permite aproveitar a vida; ao ponto de que podemos estar em qualquer lugar, podemos ir a um país onde não conhecemos ninguém, podemos começar uma nova faculdade, à luz do reconhecimento dessa Presença que jamais vai nos abandonar: com Ele até a tristeza se torna uma ocasião de alegria. Como diz o abade a Miguel Mañara: «Por que temes perder aquela que te soube encontrar?»²³

«E vós, quem dizeis que eu sou?» (Mc 8,29). Cristo aguarda nossa resposta de homens livres e pode aguardar a vida toda, para que você reconheça o que Ele fez por você. Esta é a forma de amar de Deus, de quem resiste à passagem do tempo: espera mesmo que por trinta anos, mesmo que por toda a vida. Espera mesmo quando você O renega, cospe no Seu rosto, O insulta, O blasfema. Ele espera, espera sua liberdade, a ponto de deixar-se crucificar por essa liberdade, pois quer ser amado livremente, por homens livres e não por escravos.²⁴

Este é o amor verdadeiro, um amor que não te prende a si com a força, mas espera incansavelmente a sua liberdade, como o imagina Tagore numa poesia sua: «Por todos os meios / procuram ter-me preso / os que me amam neste mundo. / Mas tal não se dá com o teu amor, / que é maior que o deles, / pois tu me deixas livre. / Com medo de que eu os esqueça, / nunca se atrevem a me deixar sozinho. / No entanto, passam-se dias e dias / e tu não apareces. / Mesmo que eu não te invoque em minhas preces, / mesmo que eu não te leve em meu coração, / teu amor por mim espera / assim mesmo o meu amor».²⁵ Quanta diferença em relação aos relacionamentos que medem sempre o grau de posse mútua, sempre com a pretensão de um desempenho! Mas Cristo espera, e assim, diante d'Ele, qualquer homem pode tomar uma posição livremente.

Eis o que resiste ao impacto da passagem do tempo: a presença de Cristo que continua esperando incansavelmente o reconhecimento do nosso coração, da nossa irredutível necessidade que nunca poderemos arrancar de nós. «Cristo mendicante do coração do homem, e o coração do homem mendicante de Cristo.»²⁶

Testemunho

No ano que vem, eu e minha família vamos nos mudar para fora por causa do trabalho do meu pai. Essa circunstância fez com que, para mim, se tornasse cada vez mais urgente a pergunta: «O que resiste apesar do tempo e da distância?».

O lugar para onde vou não tem GS. A coisa mais simples a fazer seria encerrar o capítulo da minha vida aqui e recomeçar do zero, deixando que tudo o que encontrei e vi fique como uma lembrança meio melancólica, saudosa.

Mas estou percebendo cada vez mais, já nestes dias em que ainda estou na Itália, que, se tudo acabasse por causa da distância, então não teria sentido seguir GS hoje. Seria uma enganação.

Desejo uma amizade que seja sempre assim, não só em determinadas circunstâncias. Ultimamente meus amigos de GS têm estado longe – quer fisicamente, quer mentalmente –, e o que a cotidianidade coloca na minha frente são os meus colegas da escola.

Aconteceu que, contando sobre a mudança a um desses colegas com quem eu nunca tinha falado de verdade, ele ficou muito marcado. A partir disso, começamos a falar de muitas coisas, e, depois de semanas difíceis, foi o primeiro momento de sinceridade comigo mesma.

²¹ E. Mounier, *Lettere e diari*, in *Libretto testi Triduo*, p. 32.

²² J. Carrón, *O que resiste ao impacto da passagem do tempo?*, op. cit., p. 34.

²³ O. V. Milosz, *Miguel Mañara: Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber Editora, 2018.

²⁴ «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente» (C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”). In: Idem, *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343).

²⁵ R. Tagore, “Por todos os meios procuram”. In: Idem, *O Gitanja’li*. 5. ed. Tradução de Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1950, p. 37.

²⁶ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p. VII.

Mas isso aconteceu porque não é só entre nós que se pode viver assim, estar juntos assim. Se é possível viver olhando-os com essa ternura sempre, então até me mudar para um país estrangeiro, entre desconhecidos que falam outra língua, pode ser bom. Também nisto pode estar o que vi na história dos meus pais, com GS, com meus amigos. E assim a realidade, pouco a pouco, se torna uma coisa 100% maravilhosa.

3. Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé (1Cor 15,14)

DE ONDE RECOMEÇAR? A CONTEMPORANEIDADE DE UMA PRESENÇA

Certas manhãs, assim que levantamos da cama, podemos já estar invadidos pela negatividade, como se nada do que nos aconteceu nos tivesse marcado, nos tivesse mudado, porque a distração e a tristeza voltaram. Será que o encontro que fizemos pode tornar-se história, pode tornar-se “a” história que marca a vida e ser a alvorada de um novo dia? Ou será que está fadado a ficar à sombra das nossas emoções, dos nossos raciocínios, que quanto mais repetimos menos nos convencem?

Como não reduzir o que vivemos a uma experiência entre as outras? Senão Nietzsche tem razão quando afirma que Deus está morto, porque ficou naquele sepulcro de dois mil anos atrás, como no sepulcro das emoções de alguns lugares e de alguns gestos especiais: «Que são estas Igrejas agora senão tumbas e sepulcros de Deus?».²⁷

Nietzsche também fazia outra afirmação: «Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar»,²⁸ ou seja, num Deus que possa atravessar o tempo e o espaço e venha me retomar – como reza o hino das *Laudes* do domingo: «Retorne ao nosso caminho, / inflame-nos sua palavra».²⁹

Um Deus que saiba dançar, um Mistério que saiba surpreender-nos onde estamos, no meio da neblina, que nos tire da nossa tristeza, da nossa confusão, do nosso mal e nos desperte, só pode ser alguém ressuscitado, alguém que não ficou fechado no sepulcro, mas que escancara a história, atravessa o tempo e o marca, trazendo o eterno para dentro do tempo.

Esse é o anúncio da ressurreição: há um fato que continua acontecendo independentemente de nós, por iniciativa d’Ele, há dois mil anos; poderíamos abandoná-Lo, mas Ele nunca nos abandonará.

Se Cristo ressuscitou, a nossa pergunta muda. Não tento manter vivos os pensamentos e as emoções, como se tentasse reanimar um cadáver. Como escreve Heschel: «Uma injeção de boas maneiras ou de regras de conduta não resolve o problema».³⁰ Se Cristo ressuscitou, é Ele quem nos surpreenderá quando estivermos para afogar na nossa tristeza. Como fez com os discípulos de Emaús: encontra-os na estrada da decepção deles e lhes diz: «Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!».³¹ E o coração deles voltou a arder.³² A experiência dos primeiros tornou-se história só porque Ele ressuscitou: foi Ele quem voltou e os pôs de pé novamente. Não somos nós que reanimamos o cadáver dos nossos sentimentos, estes já morreram; Cristo, pelo contrário, é que ressuscitou: aquele que julgavam morto aparece vivo diante de nós: é Ele que dança, corre, nos surpreende nas nossas estradas.

Se um homem, ao menos uma vez na vida, reconheceu que a presença de Cristo tocou seu coração, então pode ficar tranquilo: Ele virá para reconquistá-lo, é Ele quem demonstrará se ressuscitou ou se continua fechado num sepulcro. O desafio cabe a Deus, não à capacidade humana. Não fizemos nada para merecer o encontro que fizemos, e assim será Ele quem demonstrará que é mais forte do que os nossos limites.

A VITÓRIA QUE VENCEU O MUNDO: A NOSSA FÉ (1JO 5,4)

Um Deus que sabe dançar ao longo da história é mais interessante do que o sepulcro das nossas emoções: este é o verdadeiro cêntuplo. Enquanto nós temos uma imagem psicológica do cêntuplo, como se fosse uma melhora do que já desejamos, como se tivéssemos um Fiat Palio e desejássemos um Fiat Uno: a mesma coisa, só um pouco maior, um pouco mais bonita. Só que o cêntuplo é Deus estacionando na garagem de casa uma Ferrari: é uma outra ordem de ideias. Nunca vamos mudar como imaginamos, porque o cêntuplo é sempre diferente, sempre maior do que conseguimos imaginar.

O verdadeiro cêntuplo, de fato, é a fé, é reconhecer a Presença que atravessa o tempo, que é fiel, que nunca

²⁷ F. Nietzsche, *A gaia ciência*. São Paulo: Rideel, 2005. §125.

²⁸ Idem, *Assim falava Zarhatustra*. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

²⁹ “Hino”, *Laudes de domingo*. In: *O liro das horas*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2016, p. 19.

³⁰ A. J. Heschel, *Grandezza e audacia dello spirito*. In: *Livreto do Triduo*, p. 70.

³¹ Lc 24,25.

³² «Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?» (Lc 24,32).

te abandona e te muda. É a fé que nos vence e vence o mundo, não as nossas tentativas, como escreveu Dom Giussani no Cartaz deste ano: «Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certeza, sou rico. [...] Só na companhia d'Ele é que a pessoa ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem carrega essa mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros».³³ É só por causa dessa Presença que você começa a mudar, a se amar e a amar, isto é, a experimentar o cêntuplo.

Existe um jeito muito simples com que Cristo escolheu permanecer na história. Os cristãos não creem que para permanecer na história Cristo tenha feito um livro cair do céu, pois senão só os intelectuais o entenderiam; tampouco ensinou magias especiais, pois senão só os magos teriam o seu poder. Ele fez uma coisa muito simples: a Igreja, gente com quem se pode conviver, com quem se pode passar o tempo, com quem se pode estudar à tarde, com quem é possível se encontrar uma vez por semana para fazer um encontro ou um gesto de caridade juntos.

Há dois mil anos Cristo resiste ao impacto da passagem do tempo, combate e mendiga a nossa liberdade. Por isso, para que nada vá parar no sepulcro das emoções e dos raciocínios, basta sermos fiéis, fiéis àquele pequeno sinal, àquela mão com que Ele nos alcançou e nos convidou a conhecê-Lo. Por trás daquela mão está Alguém: alguns rostos podem passar, mas a Presença dentro desses rostos não. Basta sermos fiéis ao sinal que Cristo escolheu para estar sempre conosco, até o fim dos tempos.³⁴

³³ Comunhão e Libertação, Cartaz de Páscoa 2019.

³⁴ Cf. Mt 28,20.

Testemunho de Jesús Carrascosa*

*In the early in the morning
Barco negro
Favola*

Alberto Bonfanti. Boa tarde a todos! Nesta manhã desejamos propor-lhes o testemunho de um homem – cujo nome é todo um programa: Jesús – que com oitenta anos tem tamanho entusiasmo pelo ideal, tamanho gosto de viver em todos os seus aspectos, tamanha simplicidade em reconhecer quem é seu amigo, que pode indicar-nos um caminho para descobrirmos, cada um de nós, a resposta à pergunta que fizemos: «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?». Como foi que você identificou na sua experiência aquela verdade última de que Carrón fala na mensagem que nos mandou? O que é um outro jeito de dizer: como foi que você encontrou o Movimento? O que permitiu esse encontro na sua vida?

Jesús Carrascosa. A primeira coisa que queria dizer-lhes é que estou sinceramente, mas muito sinceramente, emocionado por estar aqui, por uma razão precisa: se hoje estou aqui com vocês, é porque no ano de 1954, numa escola de Milão, Dom Giussani deu vida a uma história com um grupo de jovens como vocês – exatamente como vocês! –, que o seguiram, uma história que chegou até a mim, na Espanha. Foram jovens como vocês quem começou esta história. Vendo um grupo de colegiais, poderíamos pensar: «São só meninos, algo pouco significativo para a vida». Mas para Dom Giussani tudo começou ali, com meninos que entenderam o significado de um esqueminha que ele tinha desenhado na lousa: uma seta horizontal com setinhas que apontavam para o alto na direção de um X, sem conseguir alcançá-lo, e uma seta que descia daquele X e ia até a linha horizontal. Aquele X – explicou-lhes Giussani – é o Mistério, o significado de tudo, e todo homem que é homem, realmente homem, tem dentro de si a pergunta sobre o enigma da vida. Quem não tem essa pergunta não é homem, é um alienado, vive fora de si, porque não descobriu o horizonte da vida. Por isso estou muito agradecido por este convite que me fez entender a importância que cada um de vocês tem para mim. Giussani começou tudo com aquele grupinho de estudantes de GS e, com aqueles jovens, uma vez formados, começou a experiência do CLU, os universitários de CL. O Movimento, este Movimento hoje presente em noventa países, nasceu daqueles rapazes, que perseveraram na amizade com Dom Giussani. Portanto, como não sentir emoção e gratidão estando diante de vocês neste momento? Eu, que encontrei o que resiste à passagem do tempo, sou grato e tenho uma esperança imensa ao olhar para vocês, porque esta história vai continuar graças a jovens como vocês, que crescem, e que crescem dentro do ideal.

Lendo as suas contribuições, fiquei muito marcado com aqueles de vocês que contaram sobre dificuldades e problemas por causa dos pais em crise ou separados, e isso desperta uma grande insegurança. Lembrei-me de mim, porque eu tive uma família com uma mãe realmente excepcional e um pai catastrófico, alcoólatra, do qual eu tive uma vergonha imensa (mas foi muito útil: de fato eu gosto de beber, mas é impossível que eu fique bêbado, porque tenho como que um *chip* que me avisa quando preciso parar), porque é triste demais ver alguém que não raciocina, que diz idiotices e vomita; é uma coisa horrível, horrível! Quando estava lendo as perguntas de vocês, voltou à minha mente que eu tive a sorte de conhecer dois gêmeos; quando os conheci não sabia que eram gêmeos, eu falava com um sem saber que havia outro igual. Com um dos dois eu comecei a brigar, chegamos às vias de fato e eu ganhei. Mas logo apareceu o segundo, e ambos me deram uma surra; depois se arrependeram, porque dois contra um não é muito leal, e assim viramos grandes amigos. Esses gêmeos eram filhos de um homem e uma mulher que para mim foram como pais. Na casa deles sempre havia um lugar para mim. Eu comia na minha casa e assim que acabava ia para a casa deles. Nessa família aprendi o que não aprendi na minha: como um homem olha para uma mulher e vice-versa; o respeito e o amor imenso de um para o outro. Em vez de chorar porque meus pais não eram um modelo, olhei para

onde havia uma realidade que correspondia ao que eu desejava. Quando eu também me casei, entendi que a forma com que eu olhava para minha mulher, como a respeitava e como estava com ela tinha muito a ver com o que eu tinha visto naquela família. Na vida há pessoas das quais podemos aprender o que se deve fazer, e outras pessoas – que não são menos importantes – das quais podemos aprender o que não se deve fazer. Mas é mais importante ter pessoas das quais se aprende o que se deve fazer. Eu descobri depois de muitos anos que aquelas pessoas tinham sido mais importantes do que eu pensava. Lembro-me de um aluno meu que era órfão, e quando falávamos na aula vinha à tona o tema do amor, ele sempre levantava a mão e dizia: «Mas eu perdi meus pais, então sou um infeliz». Até que um dia eu lhe disse: «Esteban, você precisa entender uma coisa: na vida há pessoas que se dedicam a olhar para trás e assim terminam com um torcicolo, o que não é muito interessante; mas também há pessoas que olham para frente. Por isso você tem que escolher: ou o torcicolo ou olhar para frente e caminhar». Aquele menino nunca mais fez uma objeção; depois se casou e teve filhos.

Então fico feliz de estar com vocês. Vocês não são apenas uma esperança, vocês são uma realidade. Com os meus alunos aconteceu a mesma coisa: na Espanha o Movimento nasceu com jovens como vocês. Padre Pepe, que está sentado aí na frente, era um garoto como vocês, três anos mais velho.

O problema da vida é o desejo. Poderíamos dizer: «Dize-me o que desejas e te direi quem és». Se você tem uma capacidade de desejo pequena, é pequeno; se tem uma capacidade de desejo grande, é grande. O desejo nos constitui, tanto é verdade que é impossível atingir uma coisa que não se deseja. Até os doze anos eu fui uma criança muito “difícil” (repeti de ano duas vezes); quando meu pai morreu, vendo eu minha mãe costurar de madrugada para pagar a minha escola, eu como que acordei do sono e disse: «Este ano eu vou pegar uma bolsa de estudos». Eu sempre tive dentro de mim um grande desejo, e conforme crescia fui descobrindo que o desejo era por tudo, e que por menos de tudo não dá para viver, pois somos feitos para o todo. Cada um de nós poderá identificar o todo com esta ou aquela coisa em particular, mas sempre buscará o todo. Comigo foi assim. Esse desejo do todo, essas exigências do coração, essa pergunta nunca me abandonaram. Lembro que no domingo à noite eu ficava triste, mesmo se meu time tinha vencido, o Gijón; ou então eu tinha estado com meus amigos e isso não bastava, Eu dizia: «Amanhã é segunda-feira, amanhã preciso ir à escola e não estudei absolutamente nada!».

Conto-lhes uma segunda coisa. Por nove anos frequentei uma escola de jesuítas, a melhor da minha cidade, com professores bons e outros não. Eu não estudava e perdi dois anos. Quando meu pai morreu, como eu lhes disse, vendo eu minha mãe sacrificar-se, comecei a estudar, mas como eu tinha uma péssima reputação, todas as coisas ruins que aconteciam eram atribuídas ao “Carras”, e eu estava sempre triste. Mas tive um professor (que também me marcou depois, quando me tornei professor) que gostou de mim, mesmo eu sendo um garotinho muito difícil. A gente entrava na escola às oito da manhã e saía às oito da noite: assim um dia, vendo-me tendo que lidar com um problema, ele me disse: «Você é bom! Siga em frente assim». Resolvi o problema e ele me disse: «Viu como você consegue?». Ele tinha me dado a responsabilidade de cuidar do material esportivo. Eu me comportava mal com todos os professores que não gostavam de mim, mas com ele eu não podia. Com esse professor eu descobri que vence quem abraça mais forte. Vence quem abraça mais forte! Com os meus alunos eu tive uma sensibilidade muito grande, principalmente com os mais difíceis, porque eu também tinha sido difícil; eu me identificava com eles e pensava: «Vence quem abraça mais forte, então tenho que abraçar esse garoto». Foi uma experiência que eu soube olhar e que – com a ajuda de Deus – salvou a minha vida. Esse desejo é o segredo da vida: com menos do que tudo uma pessoa não consegue ser feliz, é impossível ser feliz. Com menos do que tudo, o tempo vence, o tempo se torna inóspito, o tempo se torna só uma dificuldade, o tempo não é amado.

Nos anos da minha juventude não cheguei a amar Jesus, porque Cristo era alguém que tinha vindo e ido embora. O pensamento de que Ele tinha continuado presente não estava em mim (eu só o descobriria muitos anos depois). Há uma poesia de León Felipe, um poeta espanhol que depois da guerra civil teve que fugir para o México, que diz: «Porque ele, Cristo, veio, atribuiu-nos a nossa tarefa e foi-se embora»; então eu dizia: «Teria sido melhor se ele nem tivesse vindo, porque eu já tenho tarefas demais!». Enfim, mesmo tendo frequentado uma escola católica, eu não tinha chegado à certeza da fé.

Na Espanha estávamos sob a ditadura de Francisco Franco (que durou quarenta anos, até 1975), não havia liberdade, reunir-se em mais de vinte pessoas era um crime, não podíamos falar livremente para não correr o risco de sermos presos. Naquela época conheci um grupo de intelectuais que lutavam pela liberdade e que

tinham perdido a cátedra na universidade por causa de sua oposição a Franco; assim viviam dando aulas particulares aos meninos, eram grandes professores que ensinavam matemática a grupinhos de dez meninos, não podendo nem ensinar numa escola superior. Através dessas pessoas descobri a anarquia, o amor pela liberdade. N' *O senso religioso*, Dom Giussani diz que o anarquista é desejo de liberdade e «afirmação de si até o infinito».

Além do mais, eu pensava: «O que desejo, se for verdade, deve ser possível vivê-lo desde agora», não como os comunistas que diziam: «É preciso lutar para que outros possam ver o que nós jamais veremos». Parecia-me muito mais humano viver uma experiência que afirmava: «Se for verdade o que vivemos, deve poder ser visto desde hoje». Vivi uma experiência comunitária linda: morávamos juntos, púnhamos em comum metade do salário. Nasceu assim uma editora para difundir a cultura – porque o anarquismo ama a cultura – e como cobertura para podermos rodar pela Espanha dando cursos de política e de sindicalismo. Eu encontrei pessoas interessantíssimas, porque procuravam o todo. E depois era o máximo do idealismo, pensem que naquela editora todos os cargos estavam num rodízio, para evitarmos a tentação do poder, e assim coube também a mim ser diretor.

Naquele período, caí numa crise muito profunda, porque dizia: «Eu estou dando a vida por uma coisa que não colocou para si o problema fundamental, ou seja, por que o mal existe». Minha mulher estava muito preocupada. Nessa situação, José Miguel Oriol, que cuidava das publicações da nossa editora, foi à feira do livro de Frankfurt e viu o estande de uma editora italiana – que se chamava, e se chama, Jaca Book –, cujas publicações eram muito interessantes. Depois que ele os conheceu, os responsáveis da Jaca Book lhe disseram: «Você tem que vir a Milão para conhecer o velho». O velho era Giussani. Chamavam-no “o velho”, afetuosamente, porque tinha só cinquenta anos! Assim Oriol foi. Assim que voltou para a Espanha, eu lhe disse: «Eu também quero conhecer esse homem». Portanto fomos a Milão, Giussani estava nos esperando com algumas pessoas num bom restaurante (ainda lembro a rua). Naquela noite descobri que ele tinha um amor pela razão e uma liberdade que me conquistaram. Dom Giussani ofereceu a possibilidade de hospedar duas pessoas espanholas em Milão. Conversei sobre isso com Jone (minha mulher) – que tinha feito os estudos de enfermagem, trabalhava num grande hospital e em um mês conseguiria uma vaga de trabalho por tempo indeterminado –, mas ela me viu tão mal que me disse: «Vamos nós para Milão!». E assim fomos para Milão.

Em Milão, Giussani nos indicou a família de um arquiteto, Enrico Magistretti. Chegamos a Milão na quinta-feira, e no sábado nos telefonaram: «Espanhóis, o que vão fazer no fim de semana?», «No fim de semana? Acabamos de chegar, vamos visitar Milão», «E por que vocês não vêm conosco?», «O que vocês vão fazer?», «Vamos numa casa no campo. Querem vir conosco?», «Tudo bem, vamos com vocês. Temos tempo para conhecer Milão». Fomos e encontramos um grupo de italianos, recém-casados, com crianças recém-nascidas; eram amigos; uns iam fazer compras, outros cozinhavam, outros preparavam as bebidas. Almoçamos no gramado. As crianças brincavam; a gente comia, bebia, discutia animadamente, mas aquelas discussões não nos dividiam, pelo contrário, nos uniam. No fim do almoço voltamos para casa e minha mulher me disse: «Os italianos desse movimento [não conseguia dizer mais do que “esse movimento”] são mais amigos do que nós com nossos companheiros espanhóis». Essa foi a chave de tudo. Eles usavam um livro de orações e minha mulher me disse: «Vou comprá-lo. Nós também vamos começar a rezar». E começamos assim, seguindo aquelas pessoas, porque nelas vimos algo diferente, vimos aquilo que Giussani nos dissera feito carne naquele grupo: eram amigos porque viviam uma coisa maior do que eles, uma coisa infinitamente maior do que eles, que era tudo para eles. Nele você via a comunhão, e ao mesmo tempo via a libertação, o desejo de mudar a sociedade, de comunicar Cristo dentro do mundo. Essa foi a primeira abordagem.

Quando, depois de dois anos, fomos dispensados por Giussani, ele nos disse – nunca vou me esquecer –: «Fiquei muito feliz de tê-los conhecido e lhes desejo muitas coisas bonitas». Não nos perguntou se faríamos o Movimento na Espanha. Não, nenhum pedido associativo, simplesmente «feliz por nos ter conhecido». Lembro-me de lhe ter dito: «E quando vamos nos ver?». Então ele ficou muito surpreso, e a partir daí tudo mudou. «Quando você quiser. O dia 26 de dezembro é feriado na Itália, no dia 27 estarei em Madri». Foi para Madri por causa de quatro gatos pingados, literalmente: Oriol com sua mulher, Jone e eu, só por nós quatro. Tínhamos voltado totalmente decididos a fazer o Movimento na Espanha, mas comeci a ter dificuldades, de novo, entrei numa nova crise (as crises são muito interessantes, o único problema é sair vivo

para contar; porque das crises sempre nasce uma coisa maior, se a pessoa souber enfrentá-la). Então, eu estava triste. Naqueles dias Giussani me ligou: «Convidaram-me para ir a Barcelona. Devo aceitar?». Pensem, ele me telefonou e me disse: «Devo aceitar ou não?». «Aceite. Vão pagar a viagem?» – nós não tínhamos um centavo –. «Sim», «Então nos vemos em Barcelona, e depois você vem para Madri».

Em Barcelona fiz uma das maiores experiências da minha vida. Eu estava muito triste por não conseguir começar o Movimento. Naquele dia havia uma neblina terrível. O aeroporto estava fechado e mal se viam as luzes da pista de aterrissagem; os aviões que tinham aterrissado na noite anterior podiam decolar, mas ninguém podia aterrissar. Fiquei contando a Giussani todas as minhas penas: «É melhor você pensar em outro alguém para o Movimento na Espanha. Eu não dou conta, não consigo nada», e ele me dizia: «Mas tem o sol». Mas se havia uma neblina fortíssima! Quanto mais lhe confiava minhas penas, mais ele dizia: «Mas tem o sol». Que será que queria dizer? Subimos no avião, neblina total, decolamos, e depois de dez segundos o sol apareceu; Giussani me olhou e disse: «O sol está aí!». Esse episódio ficou gravado em mim por toda a vida! Quando a neblina me ataca, penso: «Mas tem o sol». Se você viu o sol, mesmo que só uma vez, não pode pôr em dúvida que ele existe. «Carras, o sol existe»; e eu dizia: «E daí?». Ouçam o que ele me disse: «Carras, tenho uma coisa para lhe dizer: se você quer fazer o que eu faço, porque não faz o que eu fiz?». «E o que você fez?». «Eu fui ensinar numa escola». Eu tinha trinta e sete anos (o último garoto de quinze anos que eu tinha conhecido era eu! De fato, assim que alguém completa dezesseis anos, para de olhar para os de quinze) e respondi: «Então vou ensinar». Comecei a procurar trabalho, encontrei uma escola e assim comecei.

Nesse meio tempo, Oriol fundou uma editora (as Ediciones Encuentro), que foi muito útil, porque um catálogo dos livros foi parar nas mãos de padre Carrón (que perto dos anos setenta era um jovem padre que, com alguns sacerdotes, tinha dado vida a um grupo interparoquial envolvido com os jovens). Ele estava interessado no programa da Encuentro, porque tinha livros que o grupo dele também queria publicar. Eu o convidei para jantar na minha casa. «Tudo bem. Posso levar um amigo?» «Claro». «E como se chega?», «Não vou dar o endereço, porque é quase impossível chegar». Nós morávamos num casebre de 32 metros quadrados, numa rua de terra, num bairro com doze mil famílias, numa situação súper proletária. Estávamos lá pelo ideal, porque podíamos ter uma casa; com efeito, os dois trabalhavam, mas ainda queríamos seguir o anarquismo dos anos anteriores, ficando com os últimos da Terra; por isso morávamos lá, felicíssimos. Carrón veio jantar e ficamos juntos até meia noite. Começou assim a nossa história com ele.

Depois na escola, ensinando, conheci os primeiros meninos. Lembro que cantávamos *Favola*, de Claudio Chieffo: «Há alguém com você, nunca o deixará...». Era a música que me sustentava; enquanto eu ia para a escola, muitas vezes pensava: «Desses meninos não vai sobrar nenhum. Eu os convidei para esta iniciativa e só vieram três», e então dizia a mim mesmo: «Há alguém com você, nunca o deixará». Eu ia de moto e cantava essa música: «Há alguém com você...». Se Ele está, nunca te deixará. E assim na escola nasceu o Movimento.

O resto da minha história é que, a certa altura, Giussani me nomeou responsável da internacional de CL; eu ia a Milão todas as segundas-feiras, ficava alguns dias e então voltava para Madri. Depois perguntei aos responsáveis do Movimento na Espanha se alguém estava disponível para ir à Itália para abrir o Centro Internacional de Comunhão e Libertação em Roma, em vista do Grande Jubileu de 2000. Jone tinha descoberto a fisioterapia durante a nossa primeira estadia na Itália, tinha estudado fisioterapia e tinha aberto uma clínica em Madri com seis fisioterapeutas. Parecia uma loucura deixar tudo! Mas minha mulher me disse uma coisa inesquecível: «Carras, eu estou fazendo a oração de Moisés». «E qual seria a oração de Moisés?», «Moisés disse ao Senhor: “Se tu não estiveres conosco, nós não vamos mover-nos daqui”».³⁵ Eu fiquei estupefato e disse: «Isso é bonito! Que mulher que eu tenho!». Chegada a hora, nos olhamos e dissemos: «Quer dizer que Ele vem conosco», e assim partimos para Roma.

Por isso a minha resposta à pergunta do Tríduo – «O que resiste ao impacto da passagem do tempo?» – é esta: o que eu encontrei resiste. Deus fez milagres, as nossas vidas estão realizadas. Pensem: enquanto anarquistas, para estarmos mais livres para fazer a revolução não queríamos ter filhos. Quando encontramos Giussani, dissemos entre nós: «Se fizemos um sacrifício tão grande pelo anarquismo, o que faremos por Cristo?». Experimentamos a fecundidade da virgindade, porque a virgindade traz ao mundo mais filhos do

³⁵ Cf. Ex 33,15.

que a carne. Pensem que alguns ex-alunos meus são mais filiais comigo do que muitos filhos com seus pais. O mesmo ocorre com Jone. Ao longo dos anos experimentamos uma paternidade e uma maternidade maiores, tão verdadeiras que se concretizam em rostos, e-mails, telefonemas, numa companhia constante. Encontramos o princípio unitário da vida, o único que resiste à prova do tempo. Descobrir o princípio unitário de todas as coisas é fundamental. O relojoeiro pode conhecer todas as peças, mas se não possui o princípio unitário não consegue consertar um relógio quebrado. Assim é para o médico: a saúde depende de um princípio unitário que faz com que cada órgão contribua na medida certa para o todo; e a doença ataca quando um órgão deixa de colaborar para o todo. O funcionamento de um carro está ligado a um princípio unitário, e quando uma peça já não colabora como deveria, aí ele falha. A vida é muito mais do que um relógio, a saúde ou um carro. Encontrar o princípio unitário da vida te faz olhar a realidade com uma razoabilidade, com uma inteligência e com uma esperança que seriam impossíveis sem ele. Eu descobri esse princípio unitário ao encontrar Dom Giussani.

Conto-lhes um fato. Era o mês de julho, em Milão: um calor terrível; era a primeira vez que Carrón me acompanhava num encontro internacional do Movimento. Fomos à casa de Giussani, na mesa estava uma garrafa d'água toda "suada", porque tinham acabado de tirá-la bem gelada da geladeira. Vendo-a, Giussani nos disse: «Porque para mim Cristo é tão presente quanto esta coisa», e nisso acariciava a garrafa, enquanto a umidade dela escorria até a mesa. Eu olhava para aquela mão tocando aquela garrafa e pensava: «Eu quero que um dia Cristo seja tão presente para mim quanto é para ele». É uma lembrança inesquecível. Giussani dizia que a fé é reconhecer uma Presença, ou seja, não se trata de alguém que veio e depois foi embora, como eu pensava quando jovem. Ele também dizia que rezar é fazer memória dessa Presença que é a resposta a todas as nossas perguntas. Eu entendi tudo isso graças a Dom Giussani e a rapazes como vocês que o seguiram. Descobri que o princípio unitário é esse Tu; o Tu de Cristo é o princípio unitário que desperta essa capacidade de amizade que é a comunhão: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei»,³⁶ «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos»,³⁷ «Eu rogo, Pai, que como tu e eu somos um, também eles sejam um em nós, para que o mundo creia».³⁸ Este ser uma só coisa entre nós graças a Ele é a felicidade da vida, porque não fomos feitos para viver sozinhos, não fomos feitos para dizer: «Que bonito, ninguém me quer!». Nunca conheci ninguém que gritasse isso; mas encontrei muita gente que chorava por acreditar que ninguém a amava.

Então o que vence o impacto da passagem do tempo? O que perdura no tempo? É esse Tu que se torna princípio unitário de tudo, uma Presença inexorável, inevitável, que transparece no jeito de olhar sua mulher, os amigos, o trabalho. Com esse princípio unitário que é a presença d'Ele, ir trabalhar é uma coisa maravilhosa. Giussani nos dizia que o verdadeiro pecado não são tanto as besteiras que podemos fazer, e sim – o que nunca confessamos, porque não sabemos que é o verdadeiro pecado – a distração e o esquecimento, que fazem com que toquemos a realidade sem que ela se torne uma aurora nova. Esta é a missão. A missão não é falar de Jesus a pessoas que não perguntaram nada, a missão é viver dessa Presença. Se eu não caio na distração ou no esquecimento e reconheço que Ele está presente, então vou trabalhar de outro jeito, vou estudar de outro jeito, vou à aula de outro jeito. Toco a realidade de outro jeito e tudo se torna uma aurora nova. A questão não é falar ou explicar, porque é a realidade que fala d'Ele. É uma coisa de outro mundo poder ir à escola ou ao trabalho assim. Quem está apaixonado não precisa escrever na agenda: «Telefonar para...» (eu nunca escrevo na agenda: «Telefonar para Jone»; não preciso escrever isso porque me é espontâneo, ai de mim se não telefono; não posso deixar de telefonar!). O mesmo vale com Cristo: você não precisa marcar na agenda que tem que rezar, porque chega um momento em que você não consegue esquecer-se de rezar. Graças a isso descobrimos o que significa sermos esposos, qual é o valor do casamento. Uma vez ouvi Dom Giussani dizer que, se quando dois que se amam não amam juntos Aquilo – com maiúscula, Cristo – que não há de passar, o amor deles vai passar. Esse é o segredo do amor entre um homem e uma mulher, entre amigos e entre pais e filhos, porque a gente se cansa de se olhar nos olhos; depois aparecem outros olhos e nos confundimos. O segredo é encontrar Aquilo, Aquele que não passará. Essa é a força da vida, no casamento e na relação com os amigos. Há vinte e dois anos estou longe de Madri

³⁶ Mt 18,20.

³⁷ Mt 28,20.

³⁸ Cf. Jo 17,21.

– meus alunos que seguiram o Movimento se casaram, os filhos e as filhas de alguns deles se casaram entre si; é uma história linda! –, mas não perdi nenhum amigo, porque Cristo vence o tempo e a distância. O único segredo é que eles, em Madri, continuam vivendo a mesma coisa que eu vivo em Roma. Quando vivemos a mesma coisa, quando vivemos essa Sua presença que se torna princípio unitário do conhecimento de tudo, a amizade não termina. Em maio tenho um compromisso com um grupo de doze, quinze amigos, que há muitos anos vêm de Madri para Roma para um jantar; chegam às oito da noite e partem no dia seguinte às nove da manhã.

A minha experiência é esta: Ele vence, porque é o segredo de tudo, e sua manifestação é a letícia.

Concluo com uma coisa que me ajudou muito na vida. Nas perguntas de vocês, muitos contaram coisas ruins que lhes aconteceram e perguntaram: «O que Deus tem a ver com as coisas ruins que acontecem?». Tem a ver. Mas como? Deus não é responsável pelas coisas que acontecem. Ele tinha oferecido ao homem um mundo onde não existiam a dor, o trabalho e a morte. Mas, depois que o homem cometeu o pecado original, Ele disse à mulher: «Entre dores darás à luz os filhos», então quer dizer que no mundo que Deus criou não existia a dor. Ele também disse: «No suor do teu rosto comerás o pão e morrerás». O mal, a dor e a morte são consequências da liberdade do homem, porque Deus nos criou livres. Senão Deus seria malvado, sendo que é a perfeição e o bem. Nós pagamos as consequências do fato de sermos descendência, família daqueles primeiros dois, mas Ele não nos abandonou, e um dia – exatamente como fizemos memória ontem – tomou sobre si o pecado e a dor do mundo até morrer na cruz. Lembrar disso sempre me ajudou muitíssimo na vida.

Tudo isso eu devo a Giussani, que me fez descobrir isso, e tenho que agradecer a jovens como vocês que o seguiram, que disseram sim à proposta dele, e graças a esse sim o Movimento existe. E vai continuar existindo graças ao sim de vocês. Vocês não são menos importantes pelo fato de serem os mais novos entre nós. Vocês são importantíssimos e, se se deixarem fazer por Deus, Ele realizará maravilhas em vocês. Obrigado.

Pigi Banna. Obrigado, Carras, por como você olha para quem é mais novo do que você (esses rapazes poderiam ser seus netos); isso nos dá esperança de que o que vislumbramos nestes dias como uma aurora possa tornar-se história para cada um de nós, possa tornar-se “a” história que marca a vida e que, como dizia Kierkegaard, jamais esqueceremos.

Cristo ressuscitou e continua sendo fiel à nossa vida.

Por isso, vamos cantar juntos *Cristo risusciti*.³⁹

Cristo risusciti

³⁹ G. Stefani, Anônimo, “Cristo risusciti”. In: *Livreto do Tríduo*, p. 73.